



Pesquisa domiciliar de vitimização na cidade do Rio de Janeiro - 2005-2006: relatório final

N° 20070801
Agosto - 2007

Alba Zaluar (coord.) - NUPEVI/ IMS/UERJ -CRISP/UFMG -
PRONEX/CNPQ - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade:

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Submissão dos artigos:

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

Conselho Editorial:

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

Coordenação Técnica:

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

Apoio:

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

PESQUISA DOMICILIAR DE VITIMIZAÇÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - 2005-2006: RELATÓRIO FINAL

Alba Zaluar (coord.) - NUPEVI/ IMS/UERJ -CRISP/UFMG - PRONEX/CNPQ - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

1. Amostra

O universo da pesquisa domiciliar de vitimização foi a população de 15 anos e mais na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o Censo de 2000, o município do Rio de Janeiro tinha 4 534 322 habitantes de 15 anos e mais; em 2006, a projeção calculada pelo IBGE era de 4.658.482 pessoas.

Sobre este universo foi calculada uma amostra aleatória nos três estágios da pesquisa. Primeiro foram sorteados 200 setores censitários mapeados segundo as características socioeconômicas de cada um para que nenhum setor da população deixasse de estar representado na amostra. Segundo, em cada setor, depois de ter todos os seus domicílios arrolados pelos pesquisadores, 20 domicílios foram escolhidos pelo critério de pulo, que depende do número de domicílios arrolados em cada um deles. Terceiro, uma pessoa de 15 anos ou mais em cada domicílio foi escolhida segundo o sexo e a idade, de acordo com as 32 tabelas organizadas pela demógrafa Elza Berquó. Posteriormente foi feita a projeção dos dados da amostra sobre a população total nesta faixa de idade na cidade, o que agora apresentamos.

Das 4000 pessoas inicialmente previstas, 3435 foram efetivamente entrevistadas devido ao medo e à indiferença de muitos moradores, síndicos e porteiros de condomínios verticais ou horizontais. As dificuldades de acesso aos moradores foram muitas, desde a desconfiança de que os pesquisadores fizessem parte de quadrilhas de assaltantes até o desinteresse pelo problema da segurança coletiva. A maior recusa ao acesso ou a aceitar a entrevista deu-se na Zona Sul e na Barra da Tijuca, onde vivem as pessoas de escolaridade e de renda familiar mais alta, mas também as que mais sofrem furtos e roubos na cidade.

Os entrevistados representaram 57,8% de mulheres e 42,2% de homens da cidade, dos e das quais 33,1% eram solteiros, 37,1% casados, 15,2% em união consensual; 2,94% desquitados, 3% separados, 8,6% viúvos. Chefes de família homens somaram 70% dos entrevistados e mulheres 30%.

Nativos do Rio de Janeiro foram 72%; migrantes de outros estados 25,7%; estrangeiros, 2,3%. Os brancos representados na amostra foram 48%; os pretos 13,4%; os pardos, 36,4%.

Quanto à idade, a amostra atingiu as seguintes proporções: 9,8% de pessoas de 15 a 19 anos; 17,5% de 20 a 29 anos; 16,8% de 30 a 39 anos; 16,8% de 40 a 49 anos; 17,4% de 50 a 59 anos; 11,9% de 60 a 69 anos; 10% mais de 70 anos.

Pela amostra da pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro teria em 2006, 2,47% de analfabetos; 48,3% estariam cursando ou teriam cursado até o ensino fundamental; 34% o ensino médio ou técnico; 15% o ensino superior. Percentuais um pouco diferentes das constatadas no Censo de 2000 e nas PNADS, compreensível porque a amostra incluía apenas pessoas de 15 anos e mais.

No que se refere à renda familiar, 23,7% da população representada na amostra auferem até 2 salários mínimos, ou seja, está abaixo da linha de pobreza; 32,7% têm de 2 a 4 SM; 19,4% de 4 a 7 SM; 12,7% de 7 a 11 SM; e 10,25% mais de 11 SM. Economicamente ativos seriam 44,7%; entre os inativos estariam 9,1% desempregados, 22,6% aposentados e pensionistas, 8% estudantes, 12,6% donas de casa.

Nos dados de domicílio, os serviços urbanos cobrem quase a totalidade da amostra: 98,2% têm rede geral de água, sendo que 8,4% adaptados (com “gato”) à rede; 91% têm rede de esgoto; 99,6% atendidos por serviço de limpeza (82,5% têm lixo domiciliar coletado e 17% têm lixo colocado em caçamba do serviço de limpeza); 99,9% recebem iluminação elétrica da rede, sendo apenas 4,6% de adaptação ou “gato”. Quanto ao local de moradia, 16% são moradores de favelas ou habitações sub-normais; 84% moradores do asfalto ou das habitações normais, pela definição do IBGE.

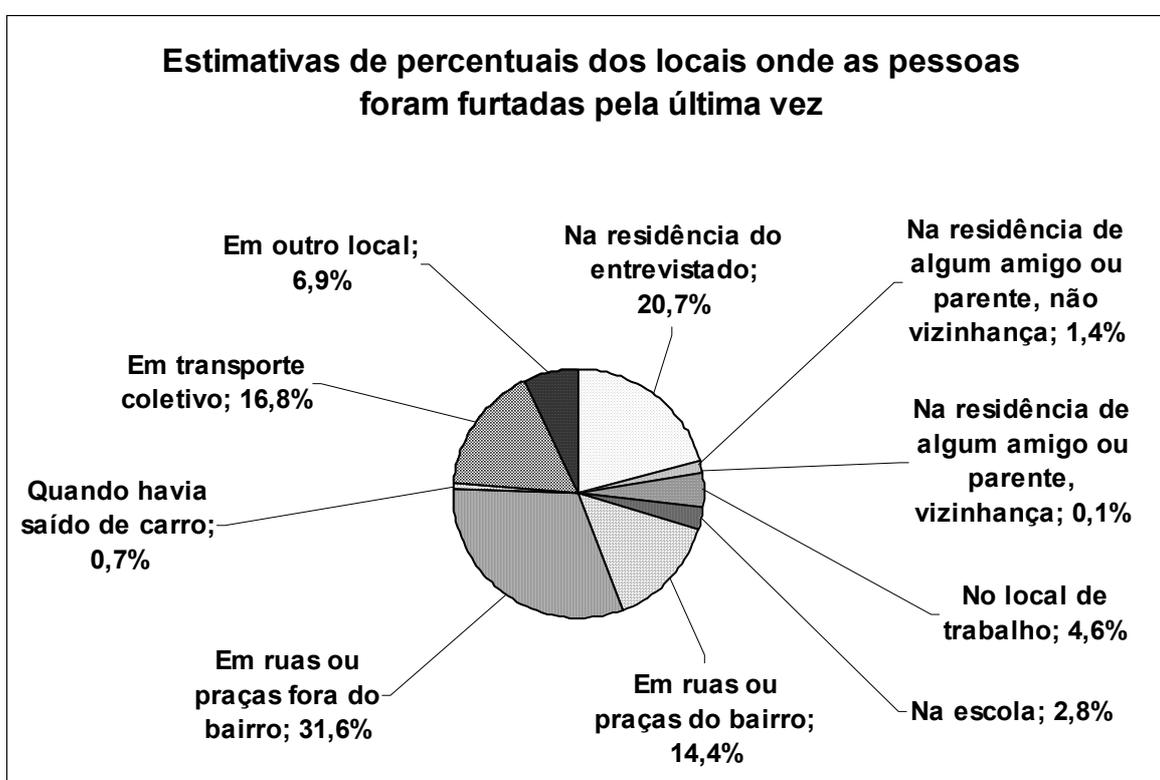
2. Resultados

Os resultados obtidos demonstram que o Rio de Janeiro não é a cidade mais violenta do país, apresentando proporções de pessoas furtadas bem menores que as de Belo Horizonte, segundo as pesquisas de vitimização já realizadas nesta cidade e menores que as de roubo do que as da cidade de São Paulo. Quanto à agressão física é bem menor do que Recife.

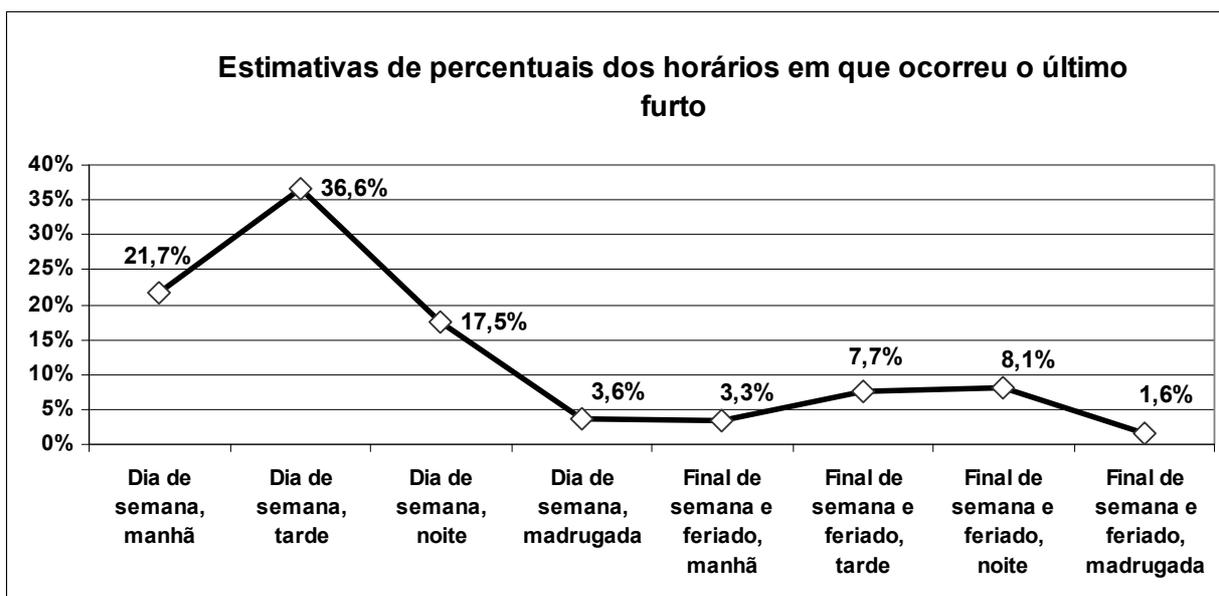
2.1 Furto

Um percentual de 6,3% dos moradores acima de 15 anos da cidade do Rio de Janeiro foi furtado (perderam carteira, bolsa, dinheiro, pacote, mala, relógio, celular ou jóia) sem violência nos últimos 12 meses. Outros 0,7% tiveram carros furtados no período, totalizando 7% de pessoas de 15 anos e mais, enquanto que 21,8% das pessoas afirmaram terem sido furtadas (quaisquer bens) durante toda a vida.

Segundo a pesquisa, 31,6% dos furtos ocorreram pela última vez nas ruas e praças fora do bairro onde moram; 20,7% na residência do entrevistado; 14,4% nas ruas do bairro onde moram; 16,8% no transporte coletivo; 4,6% no local de trabalho; e 2,8% na escola.

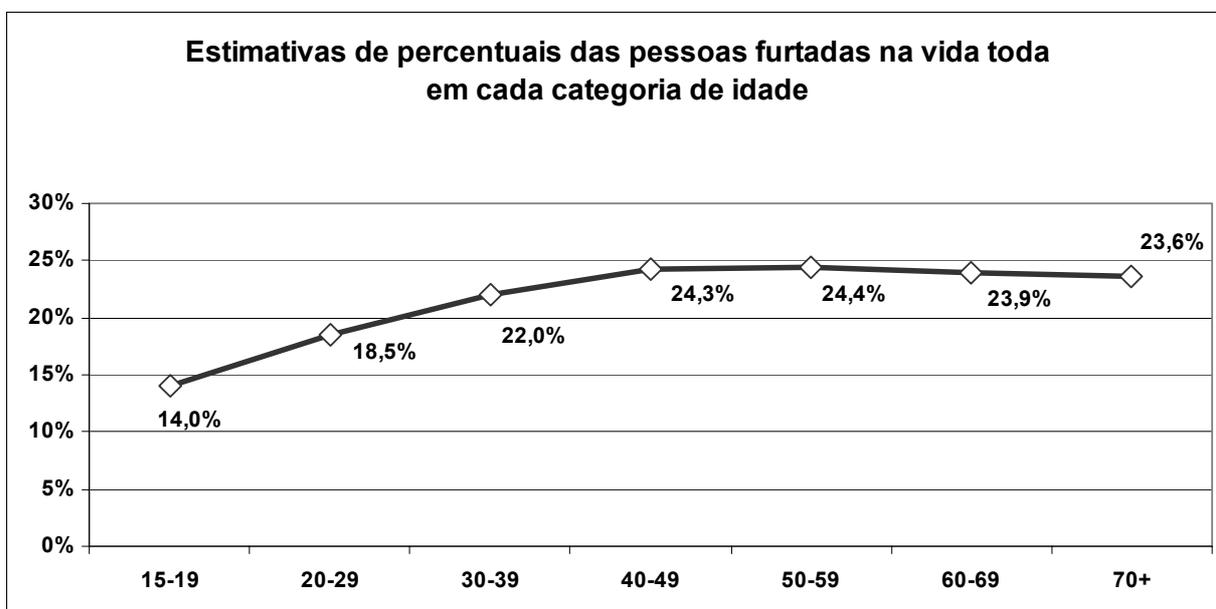
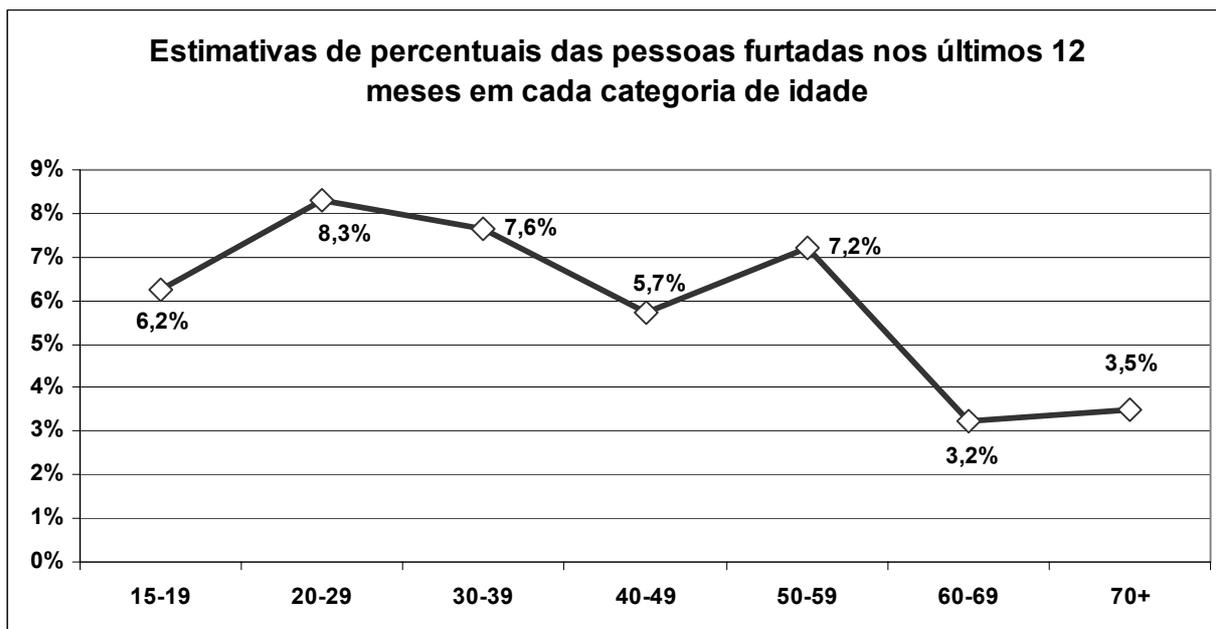


Os dias de semana e horários surpreenderam, pois as maiores proporções de furtos ocorreram de manhã e à tarde (pico) em dias de semana, decaindo cerca de 30 pontos percentuais nos fins de semana, com ou sem o cálculo do peso de cada pessoa na amostra. Isso demonstra que o furto é um crime de oportunidade e que ocorre nos horários em que as pessoas estão circulando mais ou recebendo mais gente em casa.



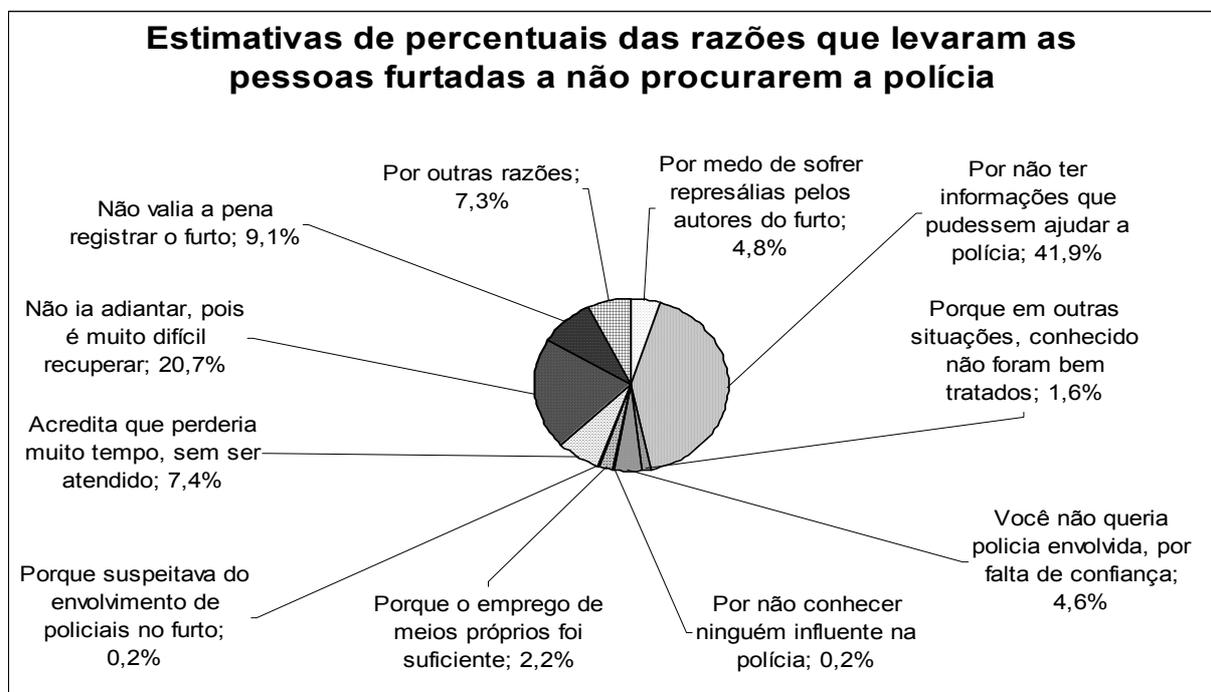
O furto está distribuído homogeneamente na população da cidade pela cor. Encontrou-se a mesma proporção de brancos, pretos e pardos furtados. Quanto ao sexo, os homens foram um pouco mais furtados que as mulheres nos últimos doze meses (7,6% para 6,3%) e na vida toda (24,1% para 20,1%). Quanto à escolaridade, os que chegaram ao ensino universitário (9,9%) mais que os de ensino fundamental (4,2%) nos últimos doze meses. O mesmo ocorre quando se considera o furto sofrido em toda a vida: 38,4% para 17,2%. Quanto à renda familiar, os de renda acima de 11 salários mínimos foram mais furtados que os demais.

Quanto à idade, uma queda acentuada é notada a partir dos 50 anos, o que desmente o que se diz sobre a vulnerabilidade dos mais velhos a este crime. Na verdade, os jovens e adultos se expõem mais por andarem mais na rua e em coletivos. Na vida toda, a curva que diminui com a idade desaparece, invertendo-se a tendência, o que não é surpreendente, pois o registro se refere também ao período em que as pessoas eram mais jovens.



Uma alta proporção das pessoas furtadas não procurou a polícia (77,2%), enquanto apenas 22,7% buscaram. Os que não buscaram, deram como razão principal a falta de informações para dar ao policial (41,9%), ou porque não ia adiantar por ser muito difícil recuperar objetos furtados (20,7%), ao que devem ser adicionados os 9,1% que afirmaram que não valia a pena registrar o furto. Somados, são 70,8% os que percebem mais problemas técnicos do que de confiança na polícia. Expressaram razões vinculadas à desconfiança, os que alegaram temer perda de tempo sem serem atendidos (7,4%), os que disseram expressamente não ter confiança na polícia (4,6%), os que desconfiavam que policiais estivessem envolvidos no furto (0,2%), os que diziam não conhecer ninguém influente dentro da corporação (0,2%) ou ainda, os que

afirmaram saber que as pessoas não eram bem tratadas pelos policiais (1,6%), percentuais pequenos que somados chegam a 14%, considerando as altas proporções dos que, em outra pergunta, expressaram não confiar no trabalho policial.



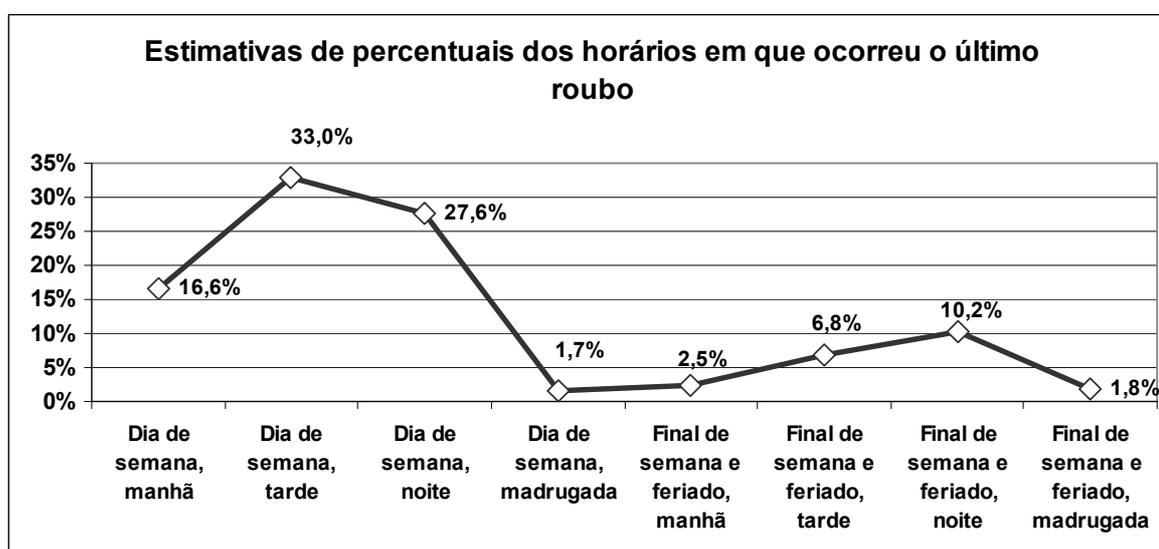
2.2 Roubo

No Rio de Janeiro, 6,6% das pessoas de 15 anos e mais foram roubadas (carteiras, bolsas, malas, pacotes, jóias ou celulares tomados com violência) nos últimos 12 meses; 25,9% roubadas na vida toda. Entre os que possuíam carro, 1,2% declararam ter tido seus carros roubados, mas 62% dos entrevistados não tinham carro no período, ou seja, dos que possuíam carro 3% tiveram-no roubado. Assinalaram residência invadida 1,6% das pessoas, totalizando 28,7% de pessoas roubadas em todas as suas vidas.

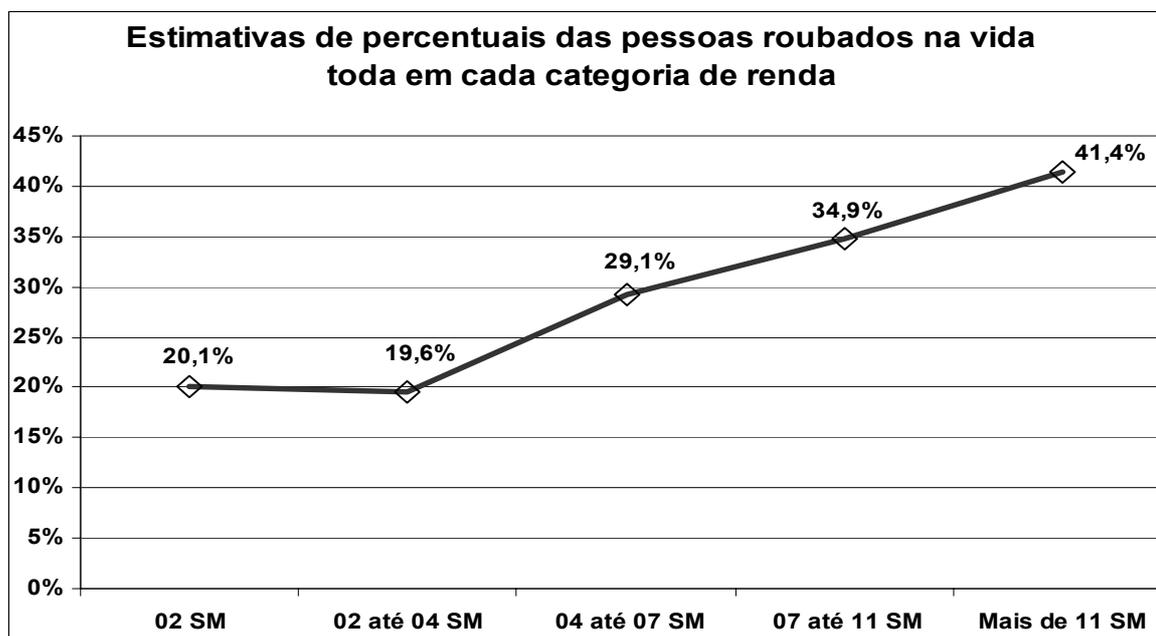


Os locais onde ocorreram mais roubos pela última vez foram as ruas e praças fora do bairro onde moram (38,5%), em transporte coletivo (27,3%), nas ruas do bairro onde moram (18%), no local de trabalho (3,2%).

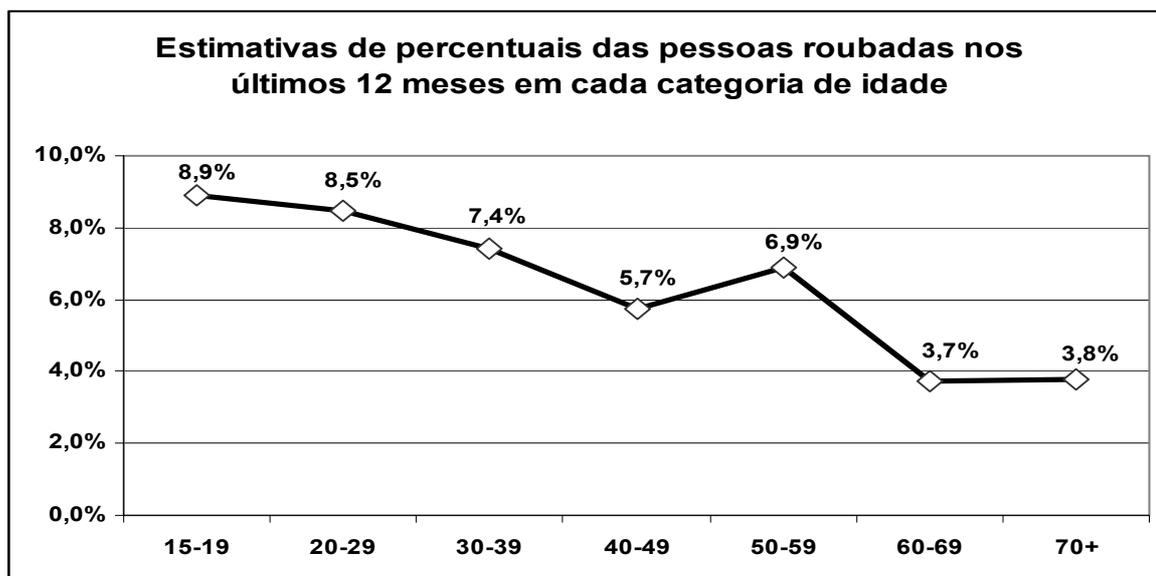
Os dias de semana e horários dos roubos têm padrão diferente do furto, embora também tenham o pico no dia semana à tarde, quase igual à noite, decaindo igualmente cerca de 30 pontos percentuais nos fins de semana, subindo outra vez à noite. Isto faz do roubo um crime mais noturno, embora ocorra também à tarde. Não é um crime da madrugada, quando as ruas e coletivos se esvaziam, uma das medidas de precaução mais utilizada pelos moradores, com exceção dos homens jovens.



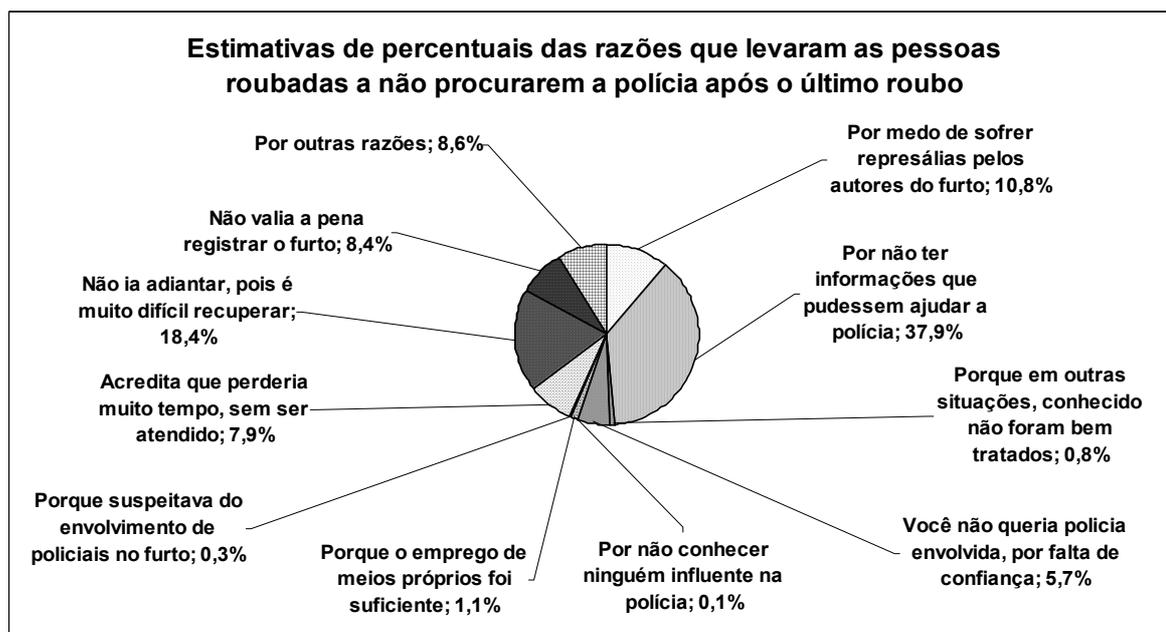
No Rio de Janeiro, as pessoas brancas foram mais roubadas que as pardas e pretas nos últimos doze meses (7,1% para 6,2%) e na vida toda (30,4% para 22,6%); os homens mais roubados que as mulheres nos últimos doze meses (7,1% para 6,2%) e na vida toda (30,4% para 22,6%); os que chegaram ao ensino universitário mais que os de ensino fundamental nos últimos dozes meses (7,8% para 6,1%) e na vida toda (40,5% para 20,6%). Como no furto, a correlação também é positiva com a renda familiar. Quanto mais alta a renda, maior a proporção de pessoas roubadas tanto para os últimos doze meses quanto para a vida toda.



A curva da proporção de vítimas de roubo nos últimos doze meses por idade é ainda mais evidente quanto à maior vitimização dos mais jovens. Mais claramente, não se trata da vulnerabilidade da pessoa, mas da maior exposição aos riscos por andar freqüentemente na rua, em transporte coletivo e nos horários de maior incidência dos roubos que são diferentes do furto. Indica também o aumento da proporção de roubo ocorrido desde 30 anos atrás, pois é cumulativa.



Entre as pessoas roubadas, 71,4% não procuraram a polícia; apenas 28,5% procuraram. Os que não procuraram, deram como razão principalmente a falta de informações para dar ao policial (37,9%) - ou porque não ia adiantar, por ser muito difícil recuperar objetos roubados de pouco valor (18,4%), aos que devem ser adicionados os 8,4% que afirmaram não valer a pena registrar o roubo. Somados, são 64,7% os que percebem mais problemas técnicos do que de confiança na polícia. Há também uma proporção de pessoas maior (10,8%) do que a encontrada no furto que afirmou não ter procurado a polícia por medo de sofrer represálias pelos autores do roubo, já que a violência está envolvida nesse crime. Expressaram razões vinculadas à desconfiança os que afirmaram que temiam perder tempo sem serem atendidos (7,9%), os que disseram expressamente não ter confiança na polícia (5,7%), não conhecer ninguém influente dentro da corporação (0,1%), os que desconfiavam que policiais estivessem envolvidos no roubo (0,3%), ou ainda saber que as pessoas não eram bem tratadas por eles (0,8%), que somados chegam a 14,7%, percentual igualmente pequeno considerando as altas proporções dos que, em outra pergunta, não avaliaram bem o trabalho policial.



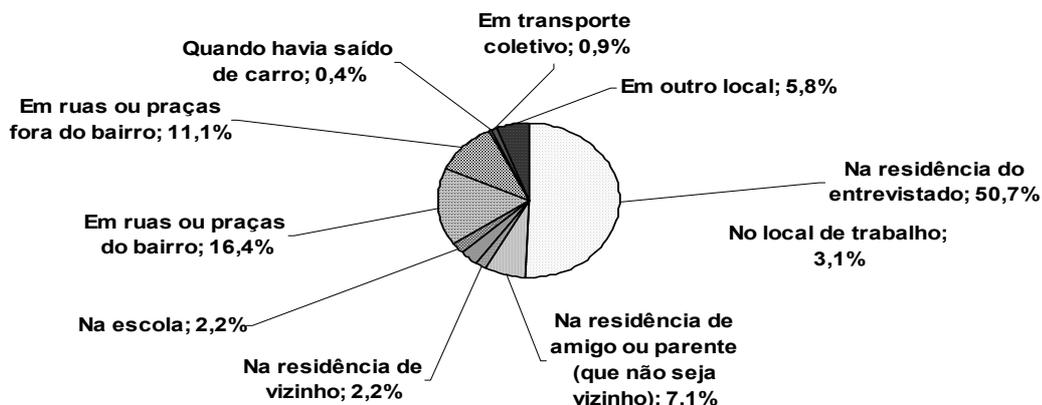
2.3 Agressão Física

2.3.1 Agressão Física sofrida por entrevistados

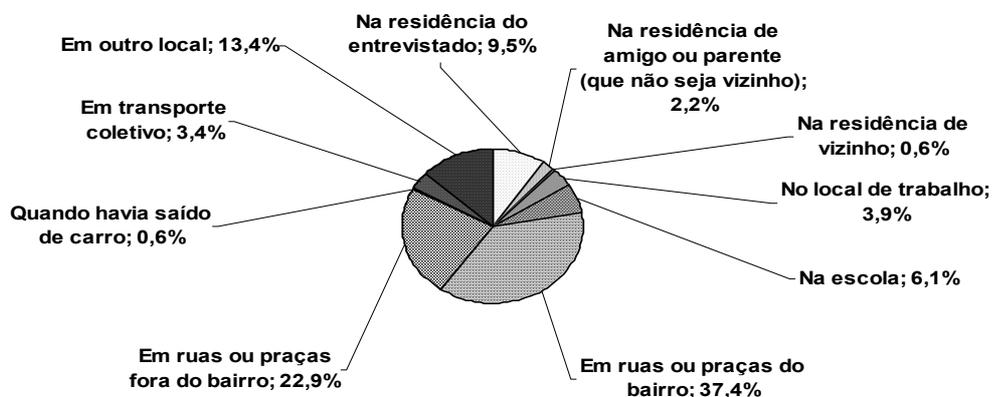
Na cidade do Rio de Janeiro, nos últimos doze meses, 2% de pessoas com 15 anos e mais foram agredidas fisicamente, sendo 8,9% agredidas na vida toda.

O local onde ocorreu a última agressão tem padrão diferente do roubo e do furto, mas é principalmente diverso entre homens e mulheres. Entre os homens, os locais predominantes são as ruas do bairro onde moram com o percentual de 37,4%, as ruas fora deste bairro indicaram 22,9% ou outro local bares casas noturnas indicando 13,4%, isto é, 73,7% em locais públicos. Entre as mulheres é a residência da entrevistada com 50,7% e as residências de parentes e vizinhos com 7,1%, ou seja, 57,8% em ambientes domésticos e privados.

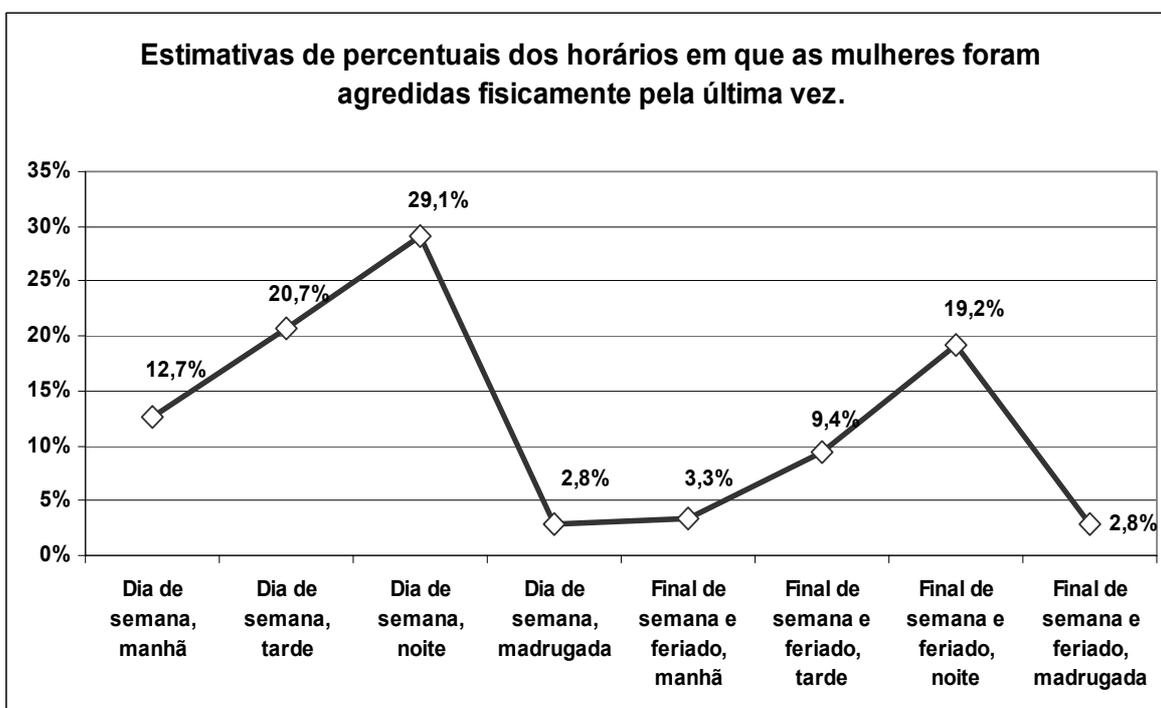
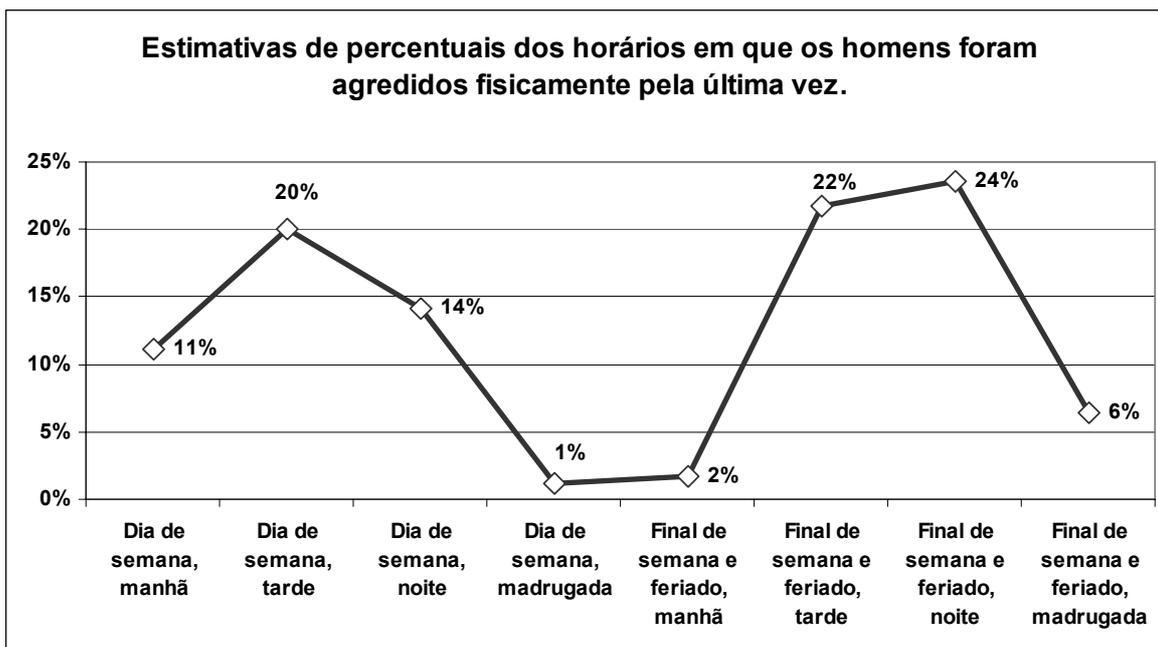
Estimativas de percentuais dos locais onde as mulheres foram agredidas fisicamente pela última vez



Estimativas de percentuais dos locais onde os homens foram agredidos fisicamente pela última vez



Os horários e os dias de semana da agressão têm padrão diferente do roubo e do furto, mas também principalmente diverso entre homens e mulheres. Entre os homens, o pico é no fim de semana à noite. Trata-se, portanto, mais do que o furto e o roubo, de uma atividade noturna e vinculada às atividades de lazer no fim de semana. Entre as mulheres, o pico é no dia de semana à noite e à tarde, voltando apenas a subir um pouco no fim de semana à noite. Estas curvas diversas de horários condizem com o padrão público da agressão masculina e o padrão doméstico da agressão contra as mulheres.



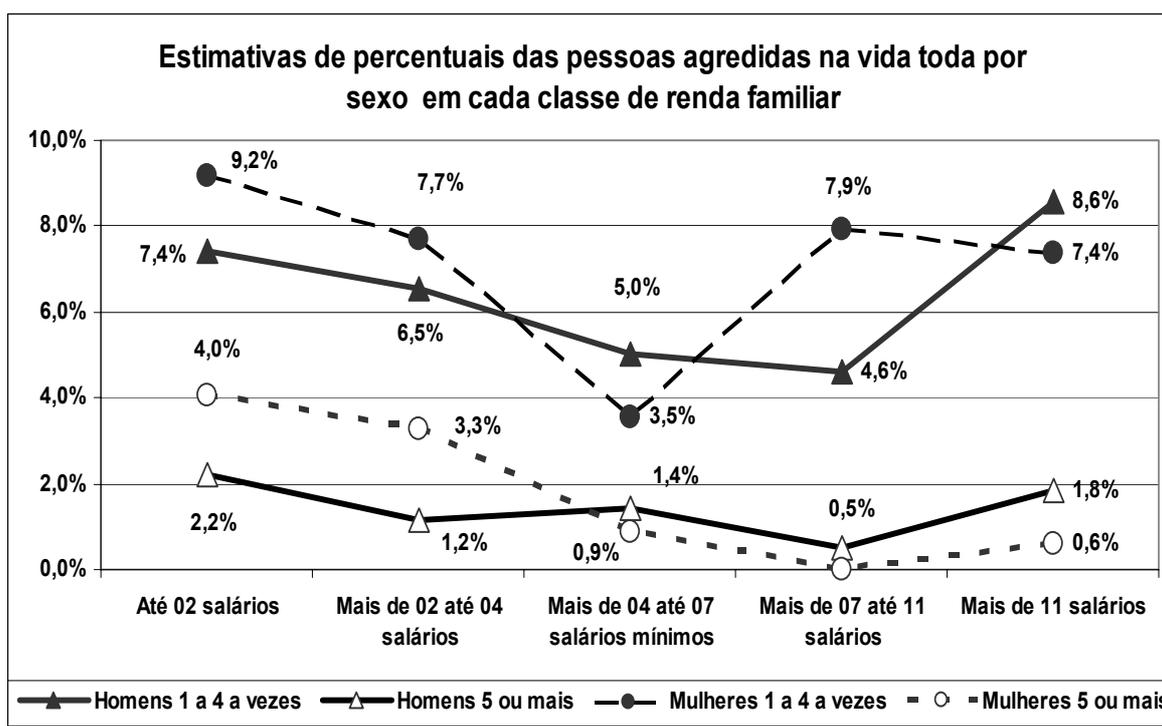
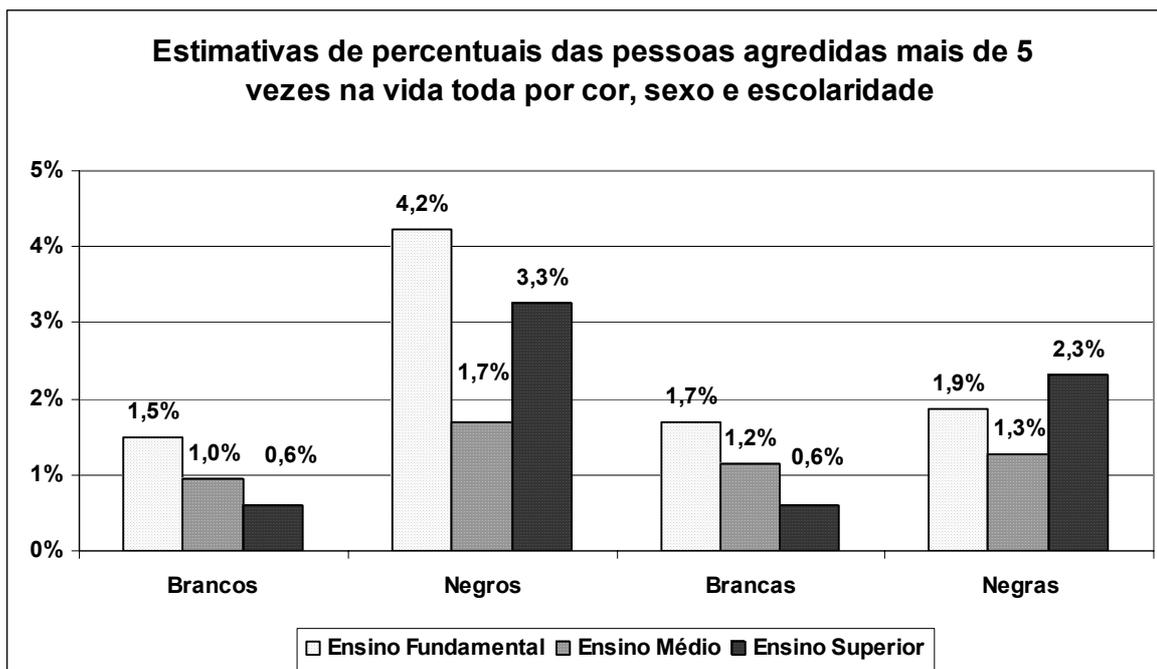
Os pretos e pardos foram mais agredidos do que os brancos nos últimos doze meses respectivamente com os percentuais de 3%, 2,8% e 1,1%, e na vida toda com 13,9%, 10% e 6,4%. As mulheres com 2,6% foram mais atacadas que os homens com 1,2% nos últimos doze meses; na vida toda as primeiras com 9,4% para 8% dos homens. Os de ensino fundamental mais do que os de ensino universitário nos últimos doze meses com 2,2% para 1,4%, invertendo a correlação encontrada no furto e no roubo. Porém, na vida toda, os percentuais são quase que iguais: 9,2% para 9,5%.

As mulheres na idade reprodutiva (a partir de 20 anos até os 40) são as mais agredidas na vida toda e os homens mais agredidos na vida toda são os que estão entre os 15 e os 30. Nos últimos doze meses, os homens amigados atingem o percentual de 4% e as mulheres amigadas de 7,4%; os solteiros atingem o percentual de 1,8% e as solteiras 2,8%; as separadas 4,1% e os separados não foram agredidos. Na vida toda, a soma dos homens e mulheres vítimas de agressão por estado civil se caracteriza em: 18,4% dos separados; 16,1% dos amigados; 9,8% dos solteiros; 10,9% dos desquitados. Os casados apresentam percentuais três vezes menores do que os primeiros e duas vezes menores do que os segundos - 5,3%.

Dos homens agredidos, 42,8% o são por amigos, vizinhos ou colegas e 40,6% por desconhecidos. Dos primeiros, 92,2% são agredidos por outros homens. Das mulheres agredidas, 67% o são por parentes e afins, 15,9% por desconhecidos. Das agredidas por parentes e afins, 98,2% são agredidas por homens enquanto no cômputo geral 77,2% são agredidas por homens.

A agressão física tem padrão diferente do homicídio que atinge mais os homens de 15 a 29 anos e que obedece ao padrão da violência entre homens cada vez mais armados. A agressão atinge principalmente homens muito jovens e as mulheres na idade reprodutiva - entre 20 e 40 anos. Entre as mulheres, as mais agredidas são as negras e as de baixa escolaridade. Os homens revidam mais a agressão; as mulheres tendem mais a não fazer nada como reação. Os homens são mais propícios a brigar entre si, as mulheres a apanhar de homens. No último caso, a lógica é a da obediência pelo medo, como na escravidão.

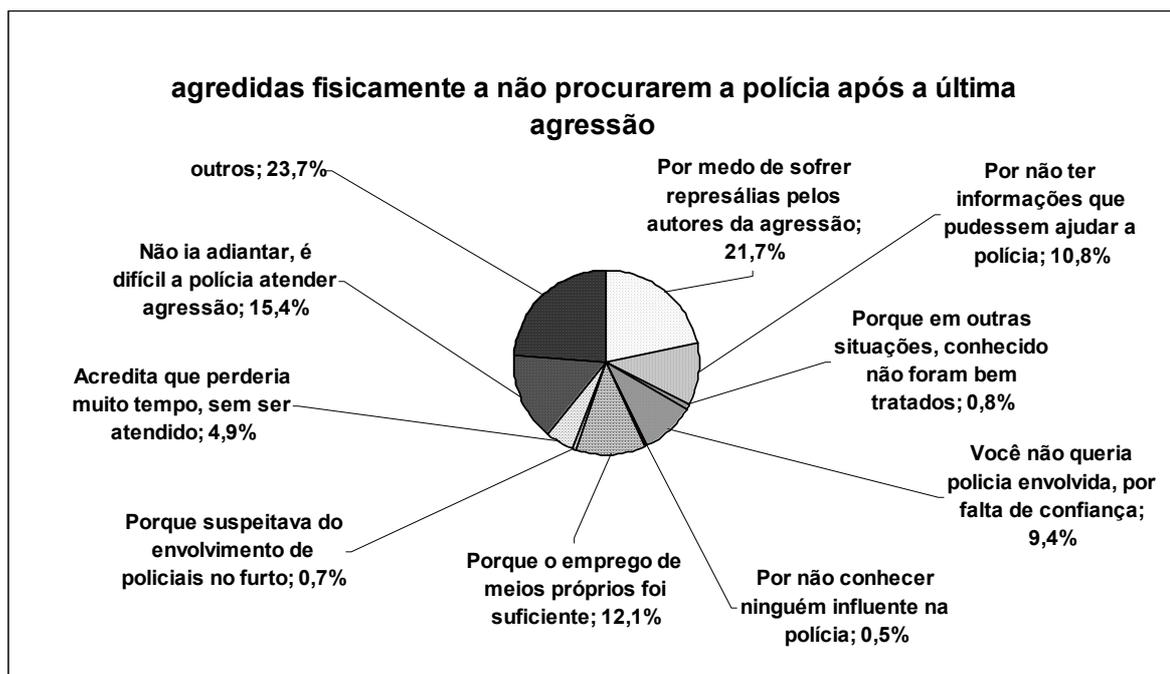
Homens e mulheres brancos são muito menos abusados no nível universitário, negros e pardos ou negras e pardas, não, mas há uma alta proporção de 1 a 4 agressões na vida entre homens brancos de nível universitário. As mulheres são mais abusadas, ou seja, agredidas mais de 5 vezes na vida, do que os homens que sofrem um número menor de agressões na vida. Mulheres de nível fundamental duas vezes mais agredidas que homens. Abuso (cinco e mais agressões na vida) várias vezes maior entre mulheres de nível fundamental e de renda familiar mais baixa.



Os homens negros são os que mais agredem as mulheres negras. Enquanto os agressores brancos agredem mais mulheres brancas, com o percentual de 63,4% e mulheres negras com 36,2%, os agressores negros agredem 30,9% de mulheres brancas e 51% de mulheres negras.

Na agressão, é ainda maior o percentual das pessoas (81,5%) que não procurou a polícia, e menor o do que procurou (18,4%). As pessoas que não procuraram, deram

como razão principalmente o medo de sofrer represálias pelos autores da agressão (21,7%), achar que não valia a pena registrar a agressão (23,7%), que não ia adiantar nada (15,4%), ou ainda os 12,1% que afirmaram ter resolvido o problema pelos meios próprios. Isto se coaduna com o caráter predominante da agressão interpessoal entre conhecidos. Somados, são 72,9% os que percebem mais problemas pessoais do que de confiança na polícia. Ainda 10,8% alegaram falta de informações para dar ao policial. Expressaram razões vinculadas à desconfiança os que disseram expressamente não ter confiança na polícia (9,4%), os que afirmaram que temiam perder tempo sem serem atendidos (4,9%), os que não conheciam ninguém influente dentro da corporação (0,5%), os que desconfiavam que policiais estivessem envolvidos na agressão (0,7%), ou ainda saber que as pessoas não eram bem tratadas por eles (0,8%), que somados chegam a 16,3%, percentual igualmente pequeno considerando as altas proporções dos que, em outra pergunta, não avaliaram bem o trabalho policial.



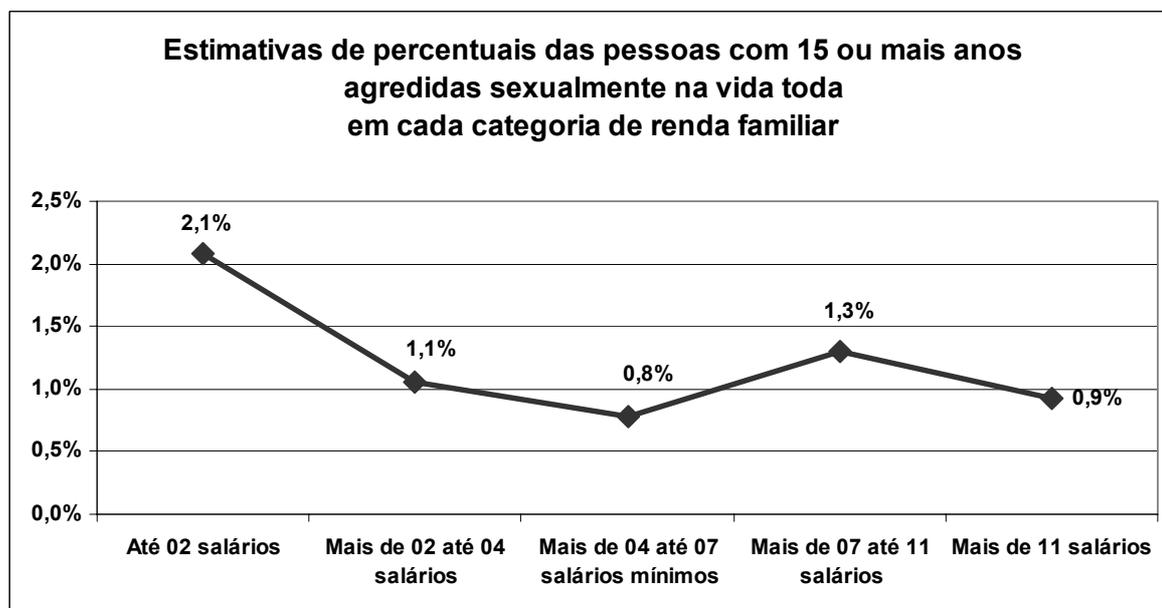
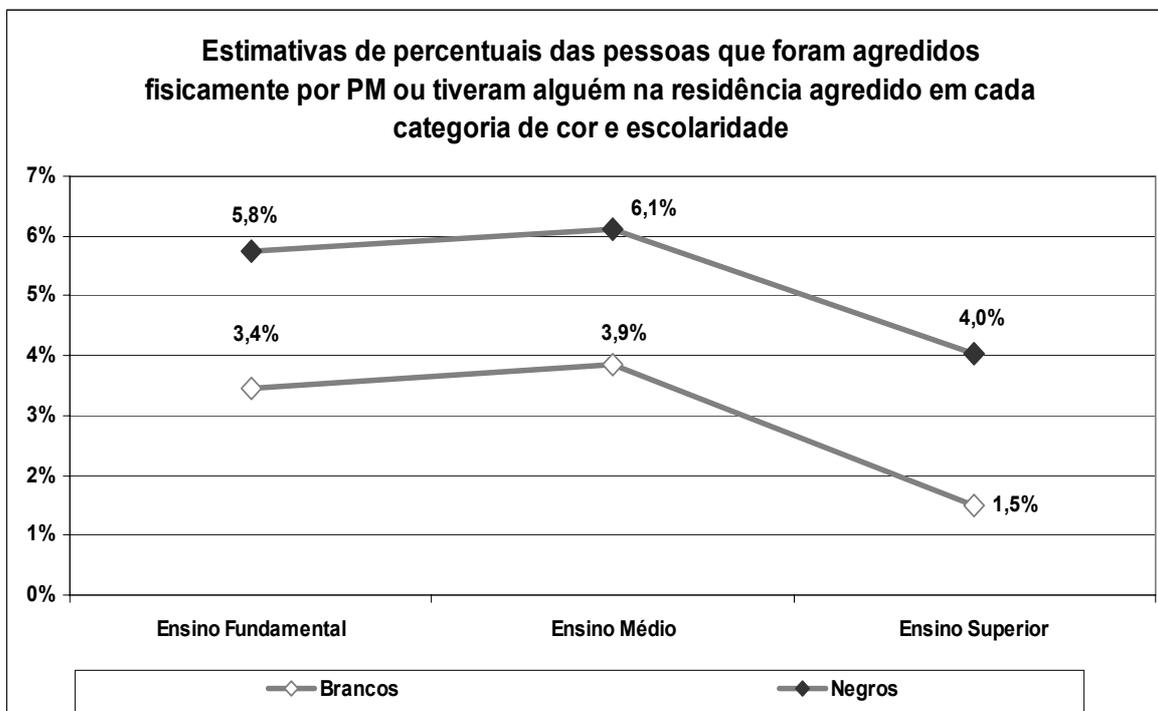
2.3.2 Agressão de Policial Militar sobre moradores dos domicílios

No município do Rio de Janeiro, 4,4% afirmaram que pessoas morando em seus domicílios haviam sido agredidas por policiais militares.

As pessoas pretas e pardas são mais vítimas deste tipo de violência do que as brancas e quando se considera a variável escolaridade, verifica-se que mais pessoas de ensino fundamental assinalaram mais agressões cometidas por policiais militares do que universitários.

As mulheres pretas em proporção três vezes mais (7%) do que as brancas (2,2%) e duas vezes maior do que as pardas (3,8%).

Os de renda mais baixa afirmaram ter alguém da sua residência agredido por policiais militares em proporções maiores do que os de renda média. Os de renda mais alta, mas pretos e pardos em proporções também mais altas.

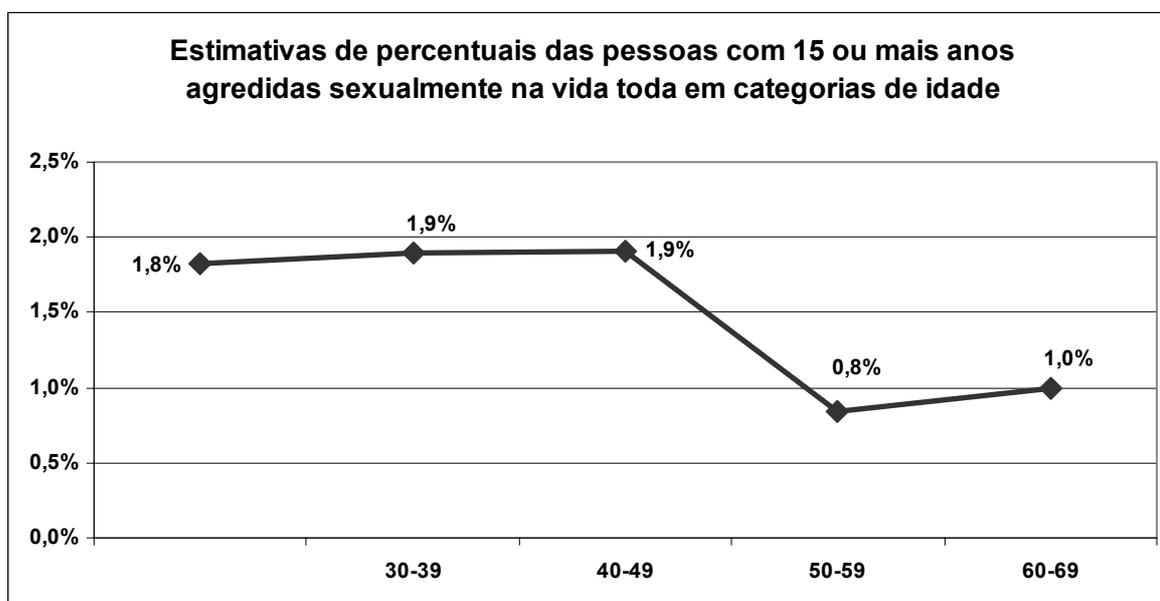


2.4 Agressão sexual

A agressão sexual é o crime que tem menores percentuais de vitimização. Apenas duas pessoas afirmaram terem sido agredidas nos últimos doze meses. Na vida toda, 1,2% da amostra. A agressão sexual tem quase a mesma proporção nos três níveis de escolaridade (fundamental, médio e universitário), em torno de 1,2%, assim como nas três cores registradas (brancos 1%, pardos 1,5% e pretos 1,1%). Mas está correlacionada negativamente com a renda familiar, como a agressão física contra as mulheres.

Na vida toda, os mais agredidos sexualmente são os amigos com 2,9%, seguidos dos desquitados com o percentual de 2% e dos separados com 1%. Para os solteiros, o percentual é de 1,3%, para os casados 0,5% e para os viúvos 1%, ou seja, estão mais a salvo.

As mulheres constituem a quase totalidade - 95,1% - dos que admitem terem sido agredidos sexualmente, principalmente dos que têm hoje de 20 a 40 anos.



2.5 Parentes, amigos e vizinhos assassinados:

No município do Rio de Janeiro, 6,1% das pessoas acima de 15 anos e mais perderam parentes assassinados; 5,1% perderam amigos; 4,7% perderam vizinhos.

As pessoas brancas têm menos parentes assassinados do que as pretas e pardas; as pretas e pardas têm mais amigos e vizinhos assassinados. Os mais jovens têm mais amigos assassinados. Os mais pobres têm mais vizinhos assassinados, no

entanto verificou-se um equilíbrio entre as várias faixas de renda, com exceção da de nível máximo.

As avaliações dos equipamentos coletivos, transporte coletivo, serviços de documentação civil, serviços de saúde para vítimas da violência não afetam a proporção de parentes assassinados. A oferta de policiamento ostensivo afeta pouco a proporção de parentes assassinados. A avaliação dos locais para lazer e esporte afeta mais. O percentual de domicílios com parentes assassinados dobra quando esta é ruim.

A avaliação da infra-estrutura urbana (pavimentação, iluminação pública, existência de terrenos baldios com lixo, edificações abandonadas) afeta muito mais, a diferença entre a boa e a ruim é de três vezes menor onde a avaliação é boa.

2.6 Como a avaliação dos serviços públicos oferecidos, da deterioração urbana e da infra-estrutura urbana pode afetar a vitimização?

2.6.1 Serviços públicos

A avaliação da iluminação pública na cidade é muito boa, boa e regular. Poucos avaliam como ruim e muito ruim – 16,9% da amostra.

A avaliação da iluminação afeta furtos, roubos e agressões ocorridos nos bairros em que moram as pessoas, mas não têm efeito, é claro, quando esses crimes são cometidos fora deles.

Quando esta avaliação é ruim, o percentual de pessoas atingidas pelo furto dentro do bairro dobra em comparação com os que a avaliam como muito boa. Quando é muito ruim, no entanto, diminui, um indicador de que há controles mais eficazes do furto nesses bairros menos atendidos pela iluminação, provavelmente os de habitação sub-normal ou favelas, onde moram os mais pobres. No entanto, a iluminação pública muito ruim duplica o percentual de roubos cometidos no próprio bairro, triplica o percentual de agressões sofridas na vida toda pelos moradores do bairro avaliado e duplica as tentativas e agressões sofridas no próprio bairro.

O recolhimento do lixo residencial é bem distribuído na cidade: poucos domicílios nos extremos, isto é, sem coleta – 7,1% da amostra - ou com coleta de um dia apenas - 5,6%. Quase a totalidade dos moradores (99,3%) é atendida por serviço de limpeza, 83% têm lixo domiciliar coletado e 16,3% têm lixo colocado em caçamba do serviço de limpeza.

O recolhimento de lixo não influi na vitimização por furto e influi muito pouco no roubo cometido na vizinhança e na agressão física, o que revela estar bem distribuído na cidade.

A oferta de policiamento ostensivo é ruim e muito ruim, segundo o entendimento de 56% moradores da cidade, apenas 19% consideram-no como bom.

A avaliação do policiamento ostensivo também pouco influi nos percentuais de pessoas vítimas de furto no bairro, na casa e na escola e nos percentuais de pessoas vítimas de agressão no bairro, na casa e na escola. Influi mais nos percentuais de pessoas vítimas de roubo no bairro, na casa e na escola. O policiamento ostensivo, tal como é feito hoje, não protege o morador da cidade.

O mesmo não acontece quando se compara vizinhanças que contam com formas de segurança privada. As vizinhanças controladas por traficantes apresentam percentagens de vários tipos de vitimização muito mais alta do que as que têm vigilantes uniformizados ou não uniformizados, moradores pagos ou não pagos.

Avaliação dos serviços públicos de saúde para vítimas da violência é ruim e muito ruim para 67% da amostra, mas não tem nenhuma interferência sobre a vitimização ocorrida no bairro, nem mesmo sobre a agressão física.

2.6.2 Deterioração urbana:

A cidade do Rio de Janeiro não apresenta um número muito grande de edificações abandonadas nas áreas residenciais. Apenas 7,4% das pessoas afirmaram terem muitas ou algumas dessas edificações na vizinhança.

A existência de tais edificações influi principalmente nos roubos ocorridos no bairro da vítima, nas agressões físicas sofridas pelos inquiridos no bairro e nas invasões à residência. A existência de prédios e galpões abandonados na vizinhança não influi no percentual de pessoas furtadas nos últimos 12 meses.

A existência de prédios e galpões abandonados na vizinhança pouco influi no percentual de pessoas furtadas no bairro onde residem. A existência de muitos prédios e galpões abandonados na vizinhança dobra o percentual de pessoas roubadas na vida toda no bairro onde residem. A existência de prédios e galpões abandonados na vizinhança triplica o percentual de pessoas que tiveram sua residência invadida. A existência de muitos prédios e galpões abandonados na vizinhança quadruplica o percentual de pessoas agredidas no bairro onde residem

A cidade do Rio de Janeiro tem mais terrenos baldios com lixo nas áreas residenciais (11,8%) do que carros abandonados e edificações arrebitadas. A existência de terrenos baldios tem pouca correlação com furtos e roubos ocorridos no bairro onde as vítimas moram. A existência de terrenos baldios tem muita correlação com agressões físicas. A existência de muitos terrenos vazios com lixo e entulho na vizinhança duplica o percentual de pessoas agredidas na vida toda.

Apenas 9,9% dos pesquisados afirmam existirem carros abandonados em suas vizinhanças. A existência de carros abandonados na vizinhança influi pouco no percentual de pessoas furtadas no seu bairro. A existência de muitos carros abandonados na vizinhança quadruplica o percentual de pessoas agredidas nos últimos 12 meses.

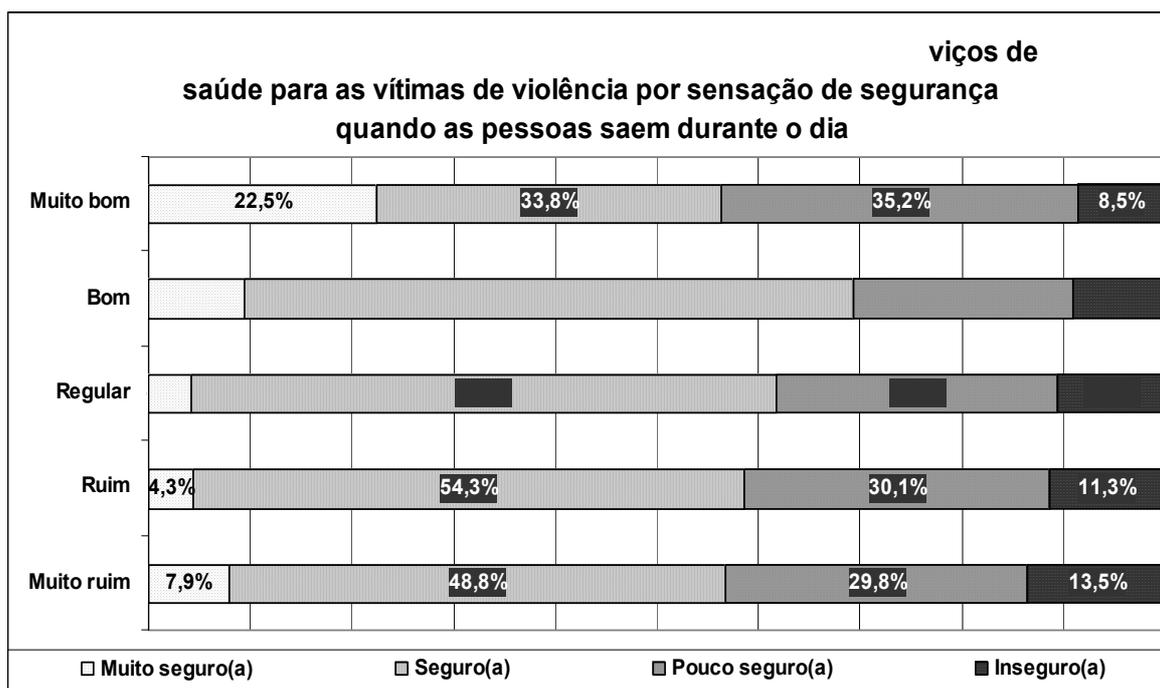
2.7 Como a avaliação dos serviços, da deterioração urbana e da infra-estrutura urbana pode afetar a sensação de segurança na vizinhança?

2.7.1 Serviços de saúde

Dos moradores que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 2,5% avaliaram a oferta de serviço público de saúde para as vítimas de violência na vizinhança como muito boa, 21,1% como regular e 41,2% a qualificaram como muito ruim.

Entre aqueles que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, somente 1,7% deram uma avaliação muito boa para a oferta de serviço público de saúde para as vítimas de violência na vizinhança, para 18,5% destes a oferta é regular e para 42,8% esta oferta de serviço é muito ruim.

Dos residentes que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 47,9% disseram que a oferta de serviço público de saúde para as vítimas de violência na vizinhança é muito ruim, 16% a definiram apenas como regular e somente para 2,9% a oferta deste serviço é muito boa. No entanto, inegavelmente, os serviços de saúde para vítimas de violência, avaliados como ruins e muito ruins afetam a sensação de segurança ao sair de casa durante o dia. Nos gráficos abaixo, pode-se perceber que um serviço avaliado como muito bom/ bom tem proporções maiores de



peças seguras quando saem de casa: 22,5% dos que avaliam os serviços como muito bons e 9,4% dos que avaliam como bom. Quanto pior a avaliação do serviço, mais cresce a sensação de insegurança ao sair de casa.

O mesmo ocorre com a sensação de segurança ao sair de casa à noite. A sensação de insegurança ao sair à noite aumenta à medida que a avaliação dos serviços públicos de saúde piora: entre os residentes que avaliaram a oferta de serviços públicos de saúde para as vítimas da violência como muito ruim, 4,4% disseram que se sentem muito seguros quando tem que sair à noite e 47,9% se sentem inseguros. Dos que avaliaram a oferta de serviços públicos de saúde para as vítimas da violência como ruim, 1,7% disseram que se sentem muito seguros quando precisam sair à noite enquanto 43,8% se sentem inseguros.

Entre os moradores que avaliaram a oferta de serviços públicos de saúde para as vítimas da violência como regular, somente 2,5% disseram que se sentem muito seguros quando precisam sair à noite enquanto 36,5% se sentem muito inseguros.

Estes dados provavelmente estão correlacionados com outras características dos bairros já anteriormente analisadas que se combinam com a avaliação dos serviços de saúde.

2.7.2 Serviço de Transporte público

Entre os residentes que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 19,9% avaliam a oferta de transporte coletivo na vizinhança como sendo muito boa, 44,3% como boa, 13,9% como regular, 9,1% como ruim e 12,8% como muito ruim.

Daqueles que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 15,3% disseram que a oferta de transporte coletivo na vizinhança é muito boa, 41,6% afirmaram que esta oferta é boa, 18,6% a definiram como regular, 9,7% como ruim e 14,5% como muito ruim.

Dos que se sentem menos seguros na vizinhança que em outras áreas do bairro, 11% disseram que a oferta de transporte coletivo na vizinhança é muito boa, 42% qualificaram-na como boa, 20,2% como regular, 8,9% definiram-na como ruim e 17,8% classificaram-na como muito ruim.

A boa avaliação do transporte coletivo foi muito parecida para todas as vizinhanças avaliadas pela sensação de segurança de seus moradores, mas há diferença de 9 pontos percentuais na sensação de mais segurança na vizinhança entre os que avaliam como muito bom o transporte coletivo na área.

Uma oferta muito boa de transportes públicos afeta a sensação de segurança para sair de casa de dia. É o que podemos perceber comparando o percentual de 6,2% de inseguros quando a avaliação do transporte público é muito boa, com os 11,3% que consideram a oferta boa, os 15,1% quando o consideram regular, 11% quando ruim e 14,1% quando muito ruim.

A porcentagem de pessoas que se sentem seguras ou muito seguras ao sair de casa à noite é várias vezes menor do que o das pessoas que saem à noite e se sentem pouco seguras ou inseguras, independente da oferta de transportes coletivos. Dos moradores que responderam que a oferta de transportes públicos é muito boa, 4,9% se sentem muito seguros, 22,9% seguros, 37,6% pouco seguros e 34,6% inseguros. Dos moradores que responderam que a oferta de transportes públicos é boa, 3,5% se sentem muito seguros, 23,5% seguros, 30,7% pouco seguros e 42,2% inseguros. Dos moradores que responderam que a oferta de transportes públicos é regular, 2,7% se

sentem muito seguros, 23,1% seguros, 25,1% pouco seguros e 49,1% inseguros. Dos moradores que responderam que a oferta de transportes públicos é ruim, 1,9% se sentem muito seguros, 28,2% seguros, 28,8% pouco seguros e 41,1% inseguros. Dos moradores que responderam que a oferta de transportes públicos é muito ruim, 4,7% se sentem muito seguros, 25,5% seguros, 26,8% pouco seguros e 42,9% inseguros.

Mesmo assim, nota-se diferença entre os que avaliam o transporte público como muito bom e bom e os que o avaliam como regular, ruim ou muito ruim.

2.7.3 Serviço de Policiamento ostensivo

Dos que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 3,4% avaliaram a oferta de policiamento ostensivo na vizinhança do morador como muito boa, 27,1% como regular e 29,6% como muito ruim.

Dos que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 1,6% avaliaram a oferta de policiamento ostensivo na vizinhança do morador como muito boa, 24,5% como regular e 36,2% o qualificaram como muito ruim.

Entre aqueles que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 1,2% avaliaram a oferta de policiamento ostensivo como muito boa, para 17,1% dos residentes, este serviço é apenas regular e 45,8% disseram que este serviço é muito ruim. A avaliação do policiamento ostensivo influi diretamente na sensação que os residentes possuem de segurança (ou insegurança). Onde ele é melhor avaliado, mais seguras as pessoas se sentem e vice-versa.

Um policiamento ostensivo considerado pela população como bom e muito bom faz diferença na sensação de segurança ao sair de casa de dia. Os maiores graus de satisfação (sentimento de muita segurança e segurança) podem ser encontrados quando a avaliação do policiamento ostensivo varia de regular a muito boa. Das pessoas que consideram o policiamento ostensivo como muito bom e bom, 10,4% se sentem muito seguras, assim como 57,7% das pessoas que avaliam o policiamento da mesma forma se sentem seguras.

Desagregando a categoria, temos os seguintes percentuais: quando avaliam o policiamento ostensivo como muito bom, 12,9% das pessoas se sentem muito seguras e 55,3% se sentem seguras. Quando o avaliam como bom, 10% das pessoas se sentem muito seguras e 58% se sentem seguras. Quando o avaliam como regular, 4,8% das pessoas se sentem muito seguras e 57,8% se sentem seguras.

O índice de pessoas que se sentem inseguras aumenta conforme piora a avaliação do policiamento extensivo: 7,1% dos que consideram o policiamento ostensivo muito bom e 9% dos que o consideram bom se sentem inseguros enquanto que 10,5% dos que o avaliam como regular e 0,6% dos que o avaliam como ruim e 14,2% dos que avaliaram como muito ruim sentem-se inseguros, ou seja, o dobro dos que consideram o policiamento muito bom.

A avaliação do policiamento ostensivo tem, portanto, impacto sobre a sensação de segurança dos moradores de cada vizinhança. As bem vigiadas aumentam a sensação de estar seguro para cada morador delas.

Entre aqueles que avaliaram o policiamento ostensivo como muito bom, 29,8% disseram se sentir inseguros ao sair de casa à noite e 9,5% afirmaram se sentir muito seguros. Dos residentes que avaliaram o policiamento ostensivo como bom, 33,7% disseram se sentir inseguros quando saem de casa à noite e 3,9% muito seguros. Entre aqueles que avaliaram o policiamento ostensivo como regular, 38,2% disseram se sentir inseguros quando saem de casa à noite e 2,3% muito seguros. Entre aqueles que avaliaram o policiamento ostensivo como ruim, 43,3% disseram se sentir inseguros quando saem de casa à noite e 2,3% muito seguros, ou seja, três vezes menos dos que os que consideram o policiamento muito bom. Para sair de casa à noite, portanto, a avaliação do policiamento é muito importante para que os moradores de uma vizinhança se sintam seguros.

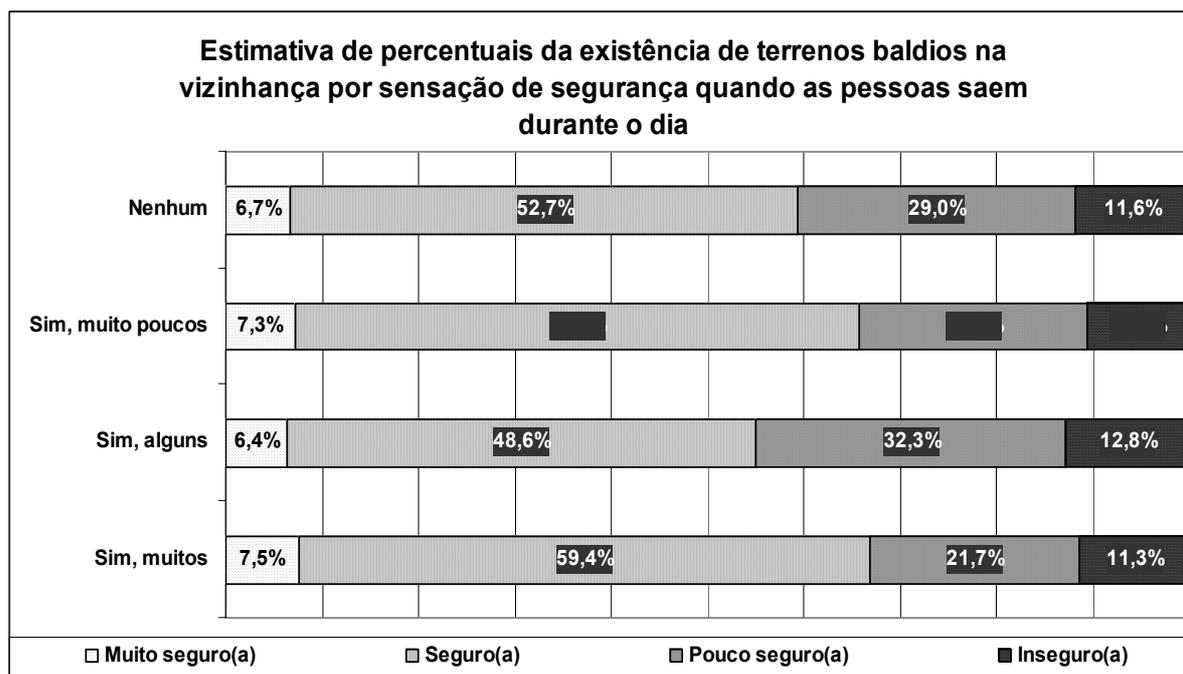
2.7.4 Terrenos ou lotes vagos com lixo e entulho (Deterioração Urbana)

Daqueles que se sentem mais seguros na vizinhança que em outras áreas do bairro, 76,6% disseram que não existe nenhum terreno baldio com lixo na sua vizinhança e 3,2% afirmaram que existem muitos terrenos nestas condições.

Entre os que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 76,8% afirmaram que não existem terrenos baldios com lixo na sua vizinhança e 2,8% disseram que existem muitos destes terrenos.

Dos que disseram se sentir menos seguros em sua vizinhança do que em outras áreas do bairro, 69,3% afirmaram que existem terrenos baldios com lixo na sua vizinhança, já 4,6% disseram que existem muitos terrenos nestas mesmas condições. A existência de terrenos baldios configura, portanto, uma diminuição de 9 pontos percentuais na sensação de segurança.

Quando se considera a sensação de segurança ao sair de casa de dia, o número de pessoas que se sentem muito seguras ou seguras quando não há nenhum terreno ou lote vago na vizinhança, é menor do que quando há muitos: 6,7% das pessoas se sentem muito seguras e 52,7% seguras quando não há nenhum terreno ou lote vago, enquanto 7,5% se sentem muito seguras e 59,4% seguras quando há muitos. Ou seja, a sensação de segurança ao sair de casa de dia não tem correlação com a existência de terrenos baldios na vizinhança.



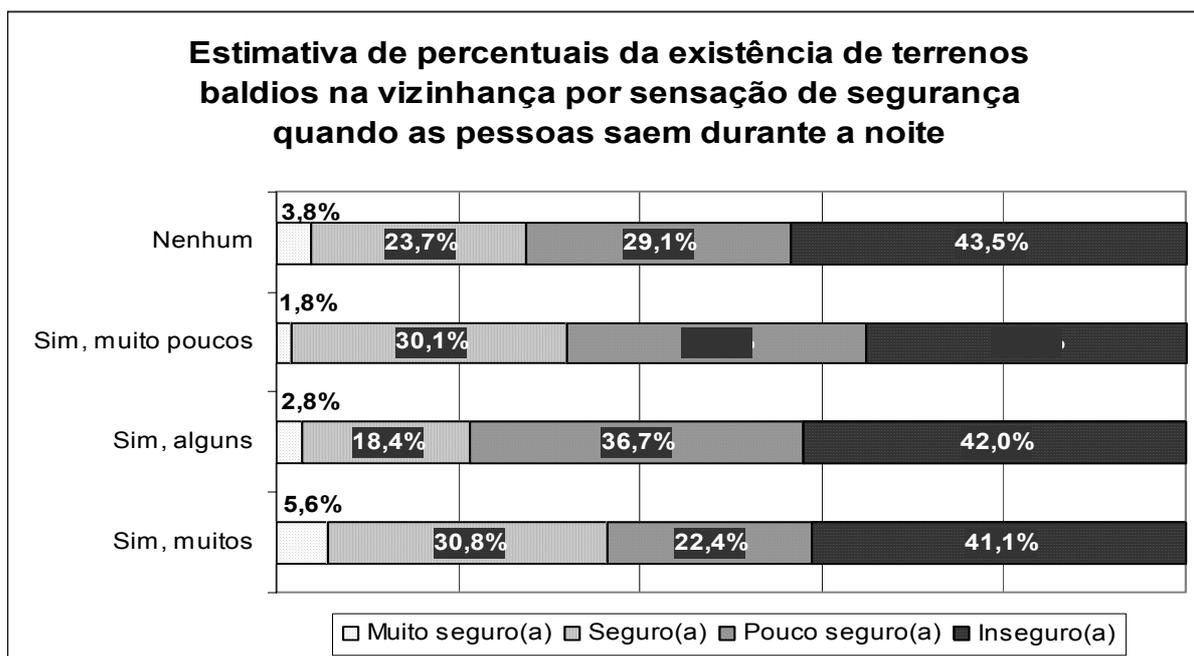
Quando se considera a sensação de segurança ao sair de casa à noite, a sensação de muita segurança é maior nas vizinhanças em que há muitos terrenos ou lotes vagos 5,6% do que naquelas em que não há: 3,8%. Mas a insegurança é maior quando não há nenhum terreno ou lote vago cheio de lixo na vizinhança: 43,5%. Ou seja, a existência de terrenos baldios não garante a sensação de segurança, mas aumenta a de insegurança ao sair de casa à noite.

2.7.5 Edificações abandonadas / carros abandonados (Deterioração urbana)

Entre os moradores que se sentem mais seguros na sua vizinhança que em outras áreas do mesmo bairro, 86,2% disseram que não existem edificações abandonadas na mesma vizinhança. Apenas 0,8% destes disseram que existem muitas edificações abandonadas.

Entre os moradores que disseram se sentir tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 80,7% disseram que não existem edificações abandonadas na vizinhança e 1,9% afirmaram que existem muitos prédios abandonados.

Entre os que disseram se sentir menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 74,5% afirmaram que não existem edificações abandonadas nas redondezas de suas residências e 4,6% destes afirmaram que existem muitos edifícios abandonados. Ou seja, a sensação de insegurança aumenta conforme aumentam o número de edificações abandonadas.



As pessoas que afirmaram se sentir mais seguras na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 83,2% disseram não existir carros abandonados na vizinhança e apenas 1,3% disseram existir muitos carros abandonados.

Entre aquelas que afirmaram se sentir tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro onde moram, 77,8% disseram que não têm carros abandonados na vizinhança em que moram e 1,6% das pessoas disseram que existem muitos.

Dos que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 73% afirmaram que não existem carros abandonados e 3,1% disseram que existem muitos carros abandonados. Quanto maior o número de carros abandonados, maior a sensação de insegurança na vizinhança.

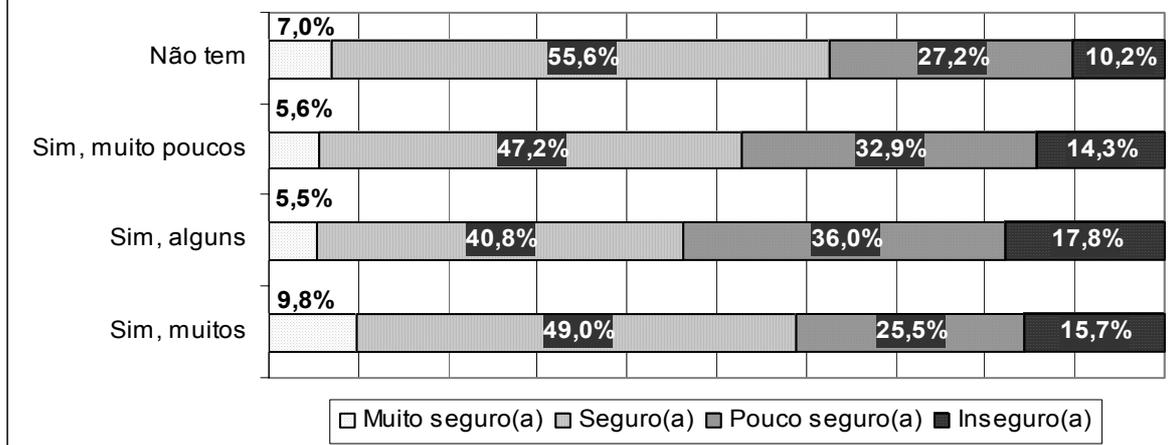
Quando se considera a sensação de segurança ao sair de casa de dia, a existência de edificações e carros abandonados na vizinhança deixa a população

menos segura do que a existência de terrenos ou lotes vagos com lixo e entulho. Mas há um aumento progressivo da segurança quando há pouco ou nenhum prédio ou veículo abandonado na vizinhança, enquanto que há um aumento crescente da insegurança na medida em que aumenta o número de prédios e veículos abandonados. Onde não há edificações abandonadas, as pessoas se sentem muito mais seguras: são 7% muito seguros e 54,5% seguros. Quando os moradores percebem muito poucas edificações abandonadas 6,3% se sentem muito seguros e 53,6% seguros. Já quando percebem a existência de algumas ou muitas edificações abandonadas, apenas 3% das pessoas se sentem muito seguras e 40,2% seguros. Com os carros abandonados, acontece a mesma coisa: são 3,8% muito seguros e 26,5% seguros onde não há carros abandonados, 2% muito seguros e 17,3% seguros que percebem muito poucos desses carros. Apenas 1,7% das pessoas se sentem muito seguras e 12% seguras quando percebem a existência de alguns ou muitos carros abandonados.

Para quem se sente inseguro há um aumento proporcional ao número de edificações e carros abandonados na vizinhança. No caso das edificações abandonadas, 12,2% e 18,1% dos moradores respectivamente se sentem inseguros quando há muitas ou algumas edificações abandonadas, contra 9,2% de moradores inseguros com muito poucas edificações abandonadas e 11,2% moradores inseguros onde não há prédios abandonados.

O mesmo vale para os moradores que assinalam haver carros abandonados na vizinhança: 49% das pessoas se sentem inseguras quando há muitos carros abandonados e 52,1% quando há alguns, contra 51,8% de moradores onde há muito poucos carros abandonados e 39,5% quando não há carro abandonado na vizinhança. Não há um aumento progressivo, mas a sensação de insegurança continua sendo maior quando há carros abandonados na vizinhança:

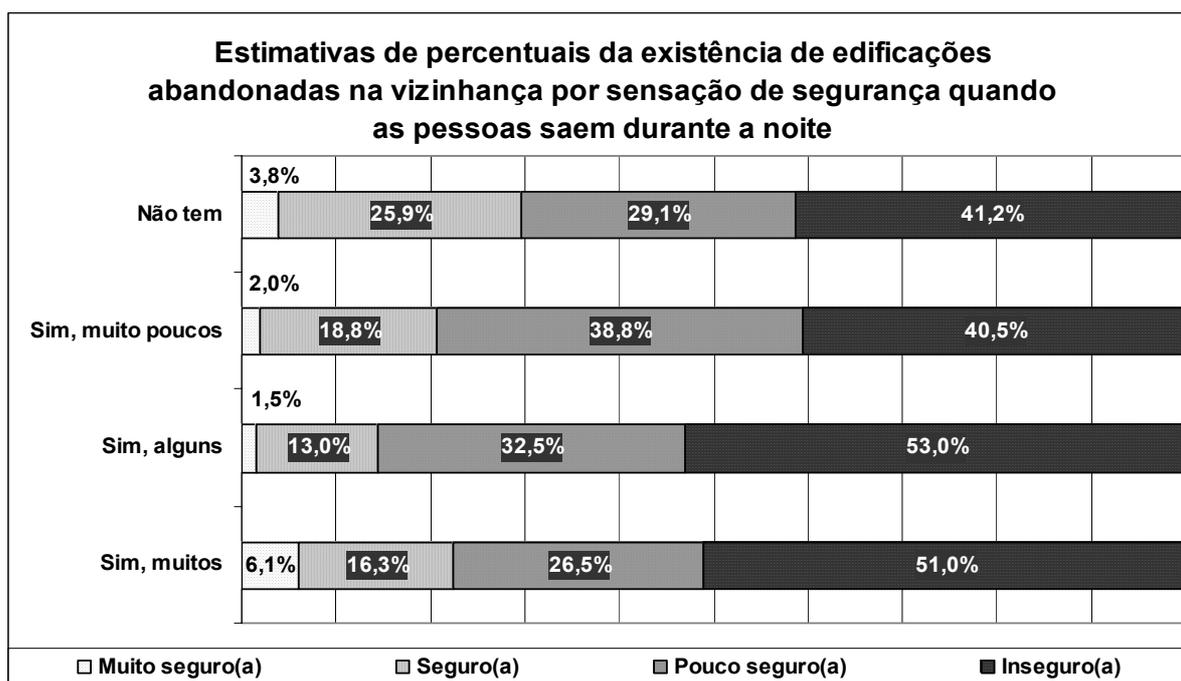
Estimativa de percentuais da existência de carros abandonados na vizinhança por sensação de segurança quando as pessoas saem durante o dia



Quando se considera a sensação de segurança ao sair de casa à noite, das pessoas que disseram existir muitas e algumas edificações abandonadas na vizinhança, 53,3% se sentem inseguras quando saem sozinhas à noite, 28,6% se sentem pouco seguras, 15,8% se sentem seguras e somente 2,3% disseram que se sentem muito seguras.

Dos moradores que disseram existir muito poucas edificações abandonadas na vizinhança, 40,5% se sentem inseguros quando saem sozinhos à noite, 38,8% se sentem pouco seguros, 18,8% se sentem seguros e 2% se sentem muito seguros.

Dos moradores que afirmaram não existir edificações abandonadas na vizinhança, 41,2% disseram que se sentem inseguros, pouco seguros são 29,1%, 25,9% seguros e 3,8% se sentem muito seguros quando saem sozinhos de casa à noite. Ou seja, a consciência da existência de prédios abandonados afeta pouco a sensação de segurança para sair à noite.



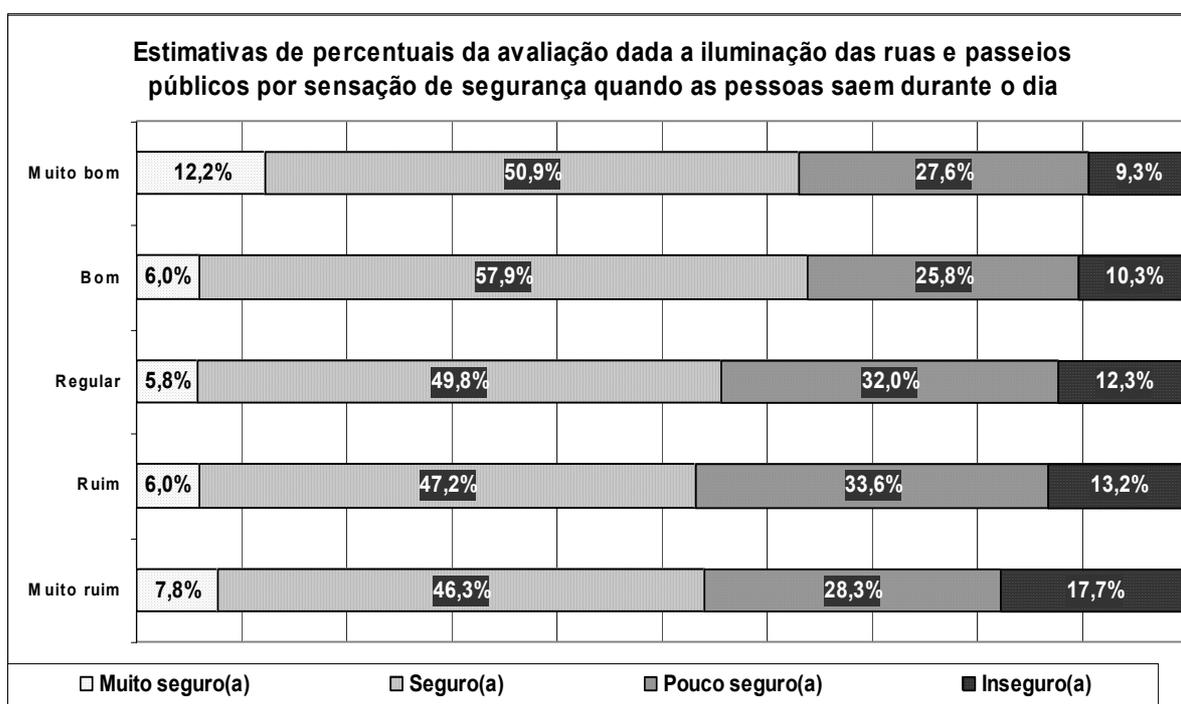
Em relação aos veículos abandonados, dos moradores que informaram existir muitos e alguns carros abandonados na vizinhança, 49% se sentem inseguros, 29,4% se sentem pouco seguros quando saem à noite, 15,7% se sentem seguros e 5,9% muito seguros. Para os que assinalaram alguns carros abandonados na sua vizinhança: 52,1% se sentem inseguros, 34,2% se sentem pouco seguros quando saem à noite sozinhos, 12% se sentem seguros. Dentre os que informaram existir muito poucos carros abandonados na vizinhança, 51,8% se sentem inseguros quando saem à noite sozinhos, 28,9% se sentem pouco seguros, 17,3% se sentem seguros, e 2% declararam que se sentem muito seguros na mesma situação. Dos habitantes que informaram que não existem carros abandonados na vizinhança, 39,5% se sentem inseguros quando saem à noite sozinhos, 30,2% se declararam pouco seguros, para 26,5% a sensação é de segurança e 3,8% disseram que se sentem muito seguros. Portanto, a existência de carros abandonados na vizinhança influi na sensação de segurança dos residentes quando têm que sair de casa sozinhos à noite apenas quando não há nenhum veículo abandonado por perto.

2.7.6 Infra-estrutura urbana

2.7.6.1 iluminação pública na vizinhança

Dos que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 12,7% definiram a iluminação como muito boa, 48,3% disseram que a iluminação pública na vizinhança é boa, 24,6% avaliaram a iluminação como regular, 6,7% disseram que é ruim e 7,6% disseram que é muito ruim.

Entre os que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 9,9% avaliaram a iluminação pública como muito boa, 45,4% avaliaram como boa, 30,2% como regular, 7,5% como ruim e 7% como muito ruim.

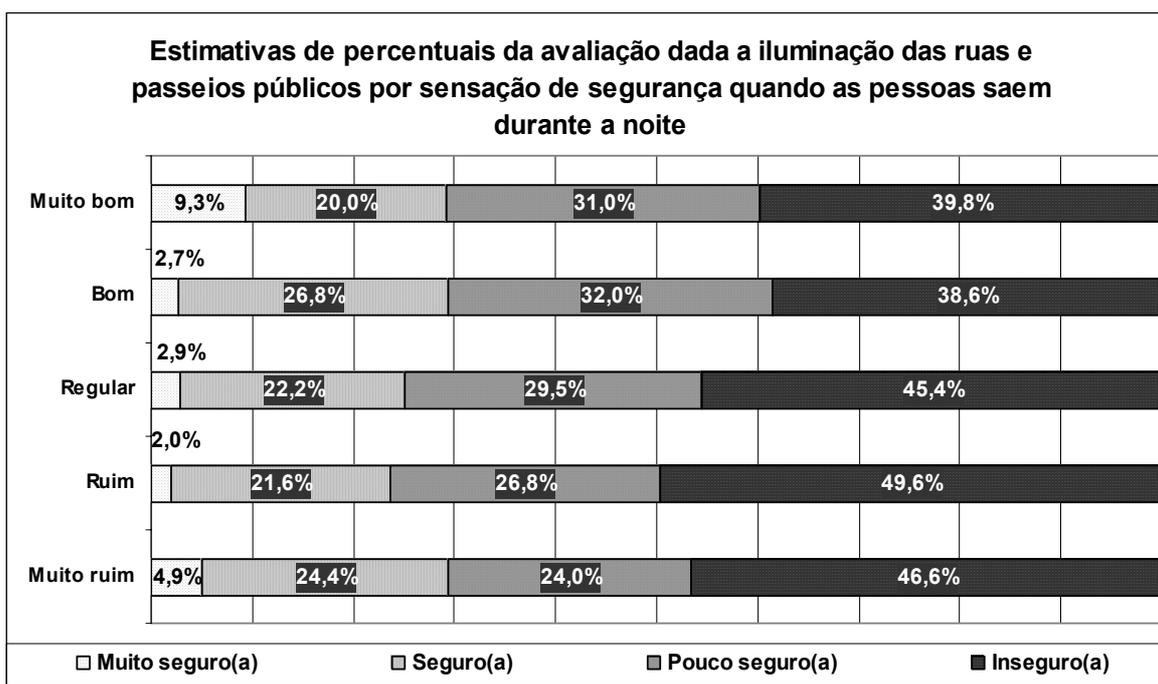


Entre os que se sentem menos seguros na vizinhança que em outras áreas do bairro, 14,3% disseram que a iluminação pública é muito boa 35,2% como boa, 25,7% avaliaram como regular, 9,6% a definiram como ruim e 15,2%, como muito ruim. A baixa qualidade da iluminação pública interfere na avaliação da sensação de segurança da vizinhança do entrevistado.

Os resultados são semelhantes na avaliação da iluminação pública ao sair de casa de dia: 17,7% das pessoas que consideram esta iluminação muito ruim, 13,2% das que a consideram ruim, 12,3% das que a consideram regular, 10,3% boa e 9,3% muito boa respondem que se sentem inseguras ao sair de casa de dia. Ou seja, a

diferença entre os extremos da avaliação para a sensação de insegurança ao sair de casa é quase duas vezes maior.

Comparando a avaliação da pavimentação e manutenção das ruas (abaixo) com a da iluminação pública, podemos observar que as pessoas têm maior sensação de insegurança ao sair de casa à noite em relação à iluminação da sua vizinhança (mesmo que considerada boa e muito boa), do que em relação à primeira. Mas quando a avaliação da iluminação pública é muito boa, a sensação de segurança aumenta.



2.7.6.2 Pavimentação e manutenção de ruas na vizinhança

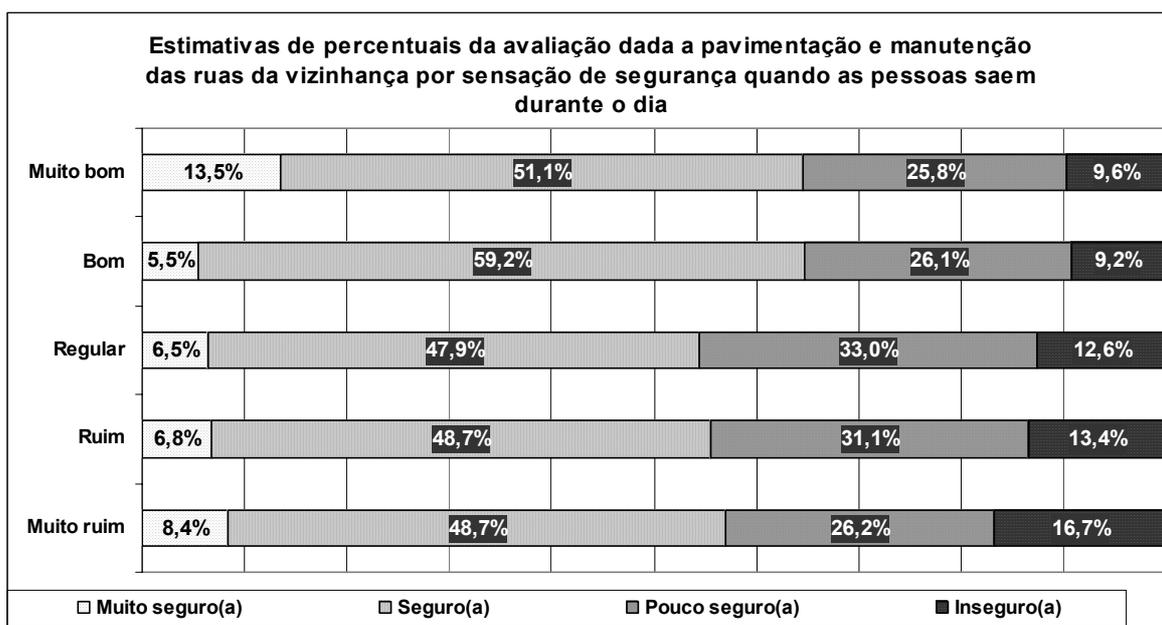
Dos que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 6,5% avaliaram a pavimentação das vias como muito boa, 46% como boa, 25,9% como sendo regular, já para 11,4% a pavimentação das vias da vizinhança é ruim e 12,7% a definiram como muito ruim.

Dentre os que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 12,7% qualificaram a pavimentação das vias públicas na vizinhança como muito ruim, 11,4% como ruim, 29,8% como regular, 39,4% como boa e 6,8% a definiram como muito boa.

Entre aqueles que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 8,1% afirmaram que a pavimentação das vias públicas na vizinhança é muito boa, 34,6% a definiram como boa, regular foi a opção escolhida por 26,3% dos entrevistados, para 9,9% deles a pavimentação é ruim e, finalmente, 21,2% a definiram

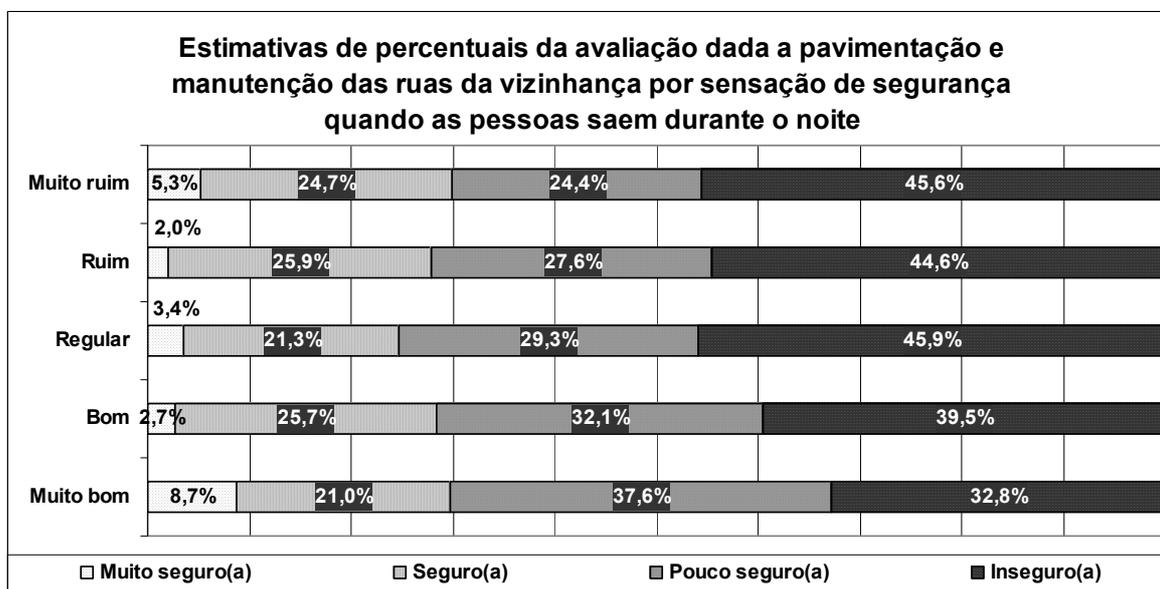
como muito ruim. Só onde a pavimentação das vias urbanas é mais avaliada como muito ruim a sensação de insegurança aumenta.

O mesmo se repete quando as pessoas saem de casa. Na avaliação da pavimentação e manutenção das ruas, 16,7% das pessoas que se sentem inseguras ao sair de casa de dia consideram a manutenção muito ruim, enquanto 13,4% a consideram ruim, 12,6% a consideram regular, 9,2% boa e 9,6% muito boa, isto é, o número de inseguros aumenta conforme a avaliação piora. Na pavimentação e manutenção das ruas, 13,5% dos que avaliaram o serviço como muito bom se sentem muito seguros ao sair de casa enquanto que 8,4% avaliaram o serviço como muito ruim se sentem muito seguros. Em relação à iluminação as proporções são um pouco menores, mas ainda assim significativas: 12,2% se sentem muito seguros ao sair de casa e avaliaram o serviço como muito bom, enquanto 7,8% se sentem muito seguros, mas avaliaram o serviço como muito ruim.



Das pessoas que avaliam a pavimentação e a manutenção das ruas como muito ruim 5,3%, se consideram muito seguras ao sair de casa à noite, percentual apenas um pouco menor dos que consideram a pavimentação como muito boa: 8,7%. Das pessoas que avaliam a manutenção e a pavimentação como muito boa 21% se sentem seguras ao sair, enquanto nas outras categorias de avaliação os percentuais de quem se sentem seguros variam pouco: na avaliação boa, 25,7%; regular 21,3%, ruim 25,9%;

muito ruim 24,7%. As maiores diferenças estão entre os que se sentem inseguros, percentual menor (32,8%) entre os que consideram a pavimentação muito boa.



2.7.6.3 Serviço de coleta de lixo na vizinhança

Em pouco ou nada parece mudar a sensação de segurança dos residentes quando cruzada com a freqüência da coleta de lixo na vizinhança, o que demonstra a boa avaliação deste serviço em toda a cidade.

Entre os moradores que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 11,4% afirmaram que o recolhimento do lixo é feito diariamente, 74,3% em que se dá de dois até quatro dias por semana, 6,7% um dia por semana e 7,8% quando o lixo não é coletado. Entre aqueles que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 4,9% disseram que o lixo não é recolhido, 5,8% que o lixo é recolhido apenas uma vez por semana, 76,4% que o lixo é coletado de dois a quatro dias por semana e 13,1% afirmaram que o lixo é recolhido diariamente.

Entre os residentes que disseram se sentir menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 10,1% disseram que o lixo é coletado diariamente, 75,8% disseram que o lixo é recolhido de duas a quatro vezes por semana, 6% informaram que o lixo é recolhido apenas uma vez por semana e 8,2% que o lixo não é coletado.

Em relação à sensação de segurança ao sair de casa de dia os dados estão equilibrados entre as várias categorias de avaliação, apresentando proporções semelhantes para a sensação de segurança. Dado surpreendente é o do não

recolhimento do lixo, onde o lixo não é recolhido 11,6% das pessoas dizem se sentir muito seguras ao sair de dia, quase o dobro das pessoas (6,2%) que se sentem muito seguras onde o lixo é recolhido de dois a quatro dias por semana ou onde o lixo é recolhido diariamente: 7,5% das pessoas se sentem seguras ao sair.

Os dados apresentam diferenças percentuais pequenas nas categorias de sensação de segurança ao sair de casa à noite. São, porém, bem similares na sensação de muita segurança, independente da periodicidade do recolhimento de lixo: onde este não é recolhido, 6,3% das pessoas se sentem muito seguras ao sair, onde é recolhido um dia na semana são 4,8% de pessoas muito seguras, onde é de dois a quatro dias na semana 3,1% de pessoas se sentem muito seguras e, quando o lixo é recolhido diariamente 4,9%.

2.7.6.4 Equipamentos coletivos na vizinhança (telefone público, parques, áreas de lazer)

Dos moradores que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 3,4% avaliaram como muito bons os equipamentos coletivos na vizinhança, 29,2% apenas regulares e 22,4% como muito ruins.

Dos que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 1,5% avaliaram muito bem os equipamentos coletivos na vizinhança, já para 27,2% estes equipamentos são muito ruins.

Daqueles que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 38,3% avaliaram os equipamentos como muito ruins e 1,2% como muito bons. Os locais cujos equipamentos coletivos têm os piores percentuais de avaliação são justamente os que possuem a maior sensação de insegurança. Mas de uma forma geral, a avaliação de bom e regular é predominante em todas as áreas.

Das categorias analisadas até o momento, sem dúvida são os equipamentos urbanos os que mais afetam a sensação de segurança ao sair de casa de dia. Se compararmos a avaliação muito ruim com a avaliação muito boa, podemos perceber que:

A proporção de inseguros que avaliaram os equipamentos como muito bons é de 4,6%, enquanto o percentual de inseguros que avaliaram os equipamentos como muito ruins é de 14,8%, três vezes maior que o dos primeiros.

A proporção das pessoas que se sentem muito seguras sofre uma variação de 5,1%, na avaliação do serviço como regular; 5,8%, como ruim; 7,2% como muito ruim; e 7,7% como bom.

O percentual que mais nos chama atenção é o que apresenta aproximadamente três vezes mais pessoas se sentem muito seguras: 21,8% das pessoas que avaliam o equipamento coletivo como muito bom, 7,2% que consideram o equipamento urbano muito ruim, também três vezes maior do que o dos primeiros.

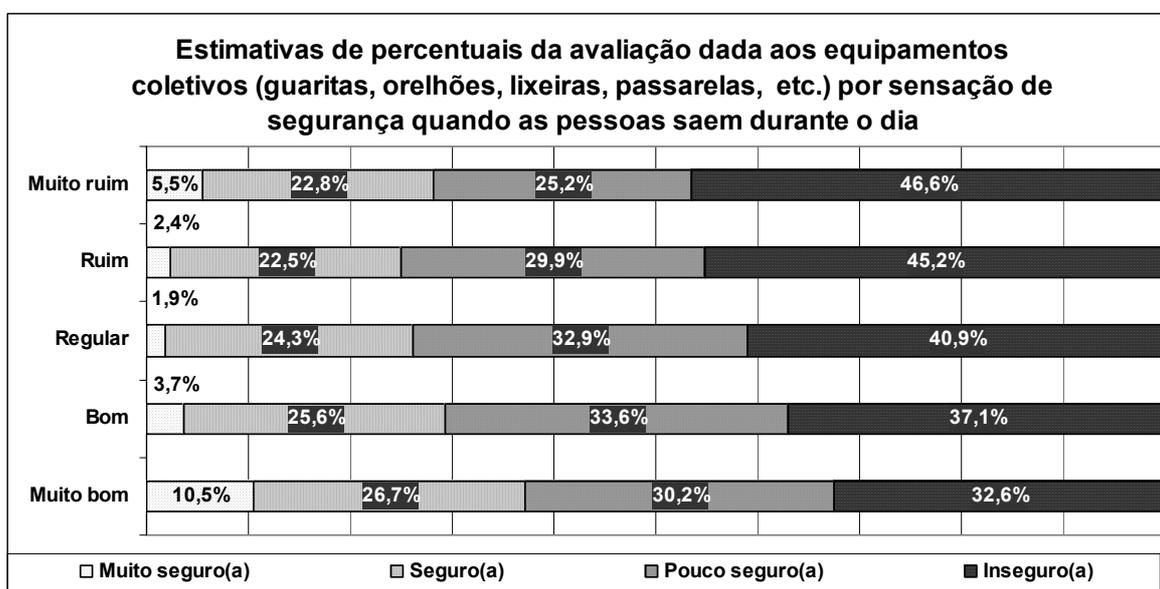
Das pessoas que avaliam o equipamento coletivo como muito bom, 10,5% se sentem muito seguras em sair de casa à noite, enquanto 26,7% se sentem seguras, 30,2% se sentem pouco seguras e 32,6% se sentem inseguras.

Das pessoas que avaliam o equipamento coletivo como bom, 3,7% se sentem muito seguras, 25,6% seguras, 33,6% pouco seguras e 37,1% inseguras.

Das pessoas que avaliam o equipamento coletivo como regular, 1,9% se sentem muito seguras, 24,3% seguras, 32,9% pouco seguras e 40,9% inseguras.

Das pessoas que avaliam o equipamento coletivo como ruim, 2,4% se sentem muito seguras, 22,5% seguras, 29,9% pouco seguras e 45,2% inseguras.

Das pessoas que avaliam o equipamento coletivo como muito ruim, 5,5% se sentem muito seguras, 22,8% seguras, 25,2% pouco seguras e 46,6% inseguras.



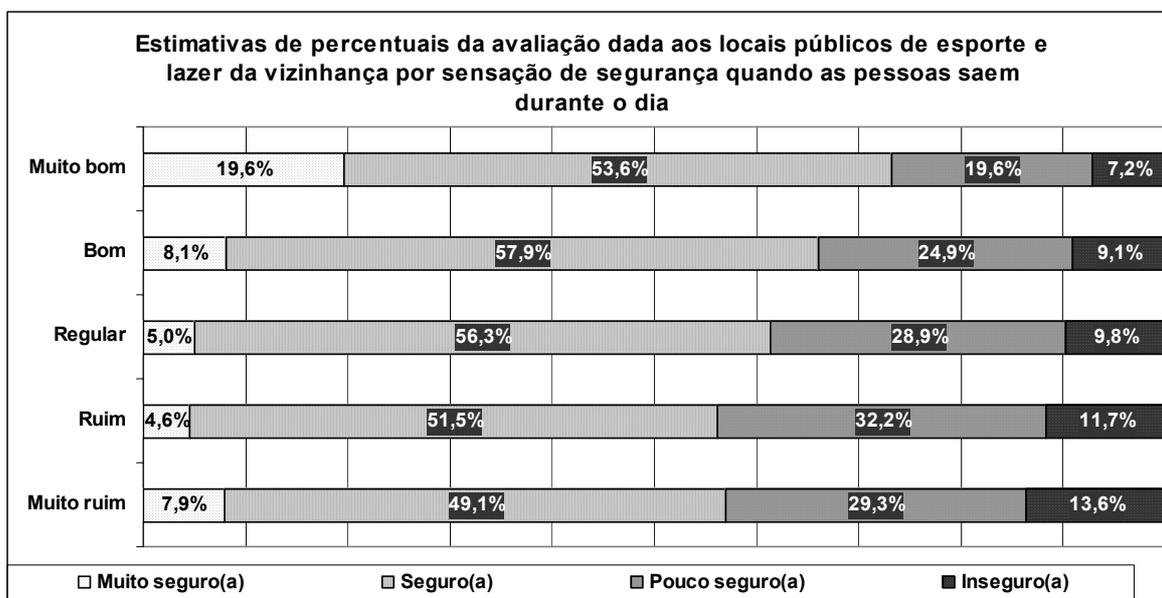
2.8 Locais de esporte e lazer

Dos residentes que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 3% definiram os espaços para esporte e lazer na vizinhança como

muito bons, 25% os definiram como bons, 25,1% como regulares, 19,5% como ruins e 27,3% como muito ruins.

Daqueles que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 3% qualificaram os espaços para esporte e lazer na vizinhança como muito bons, 21,2% como bons, 21,1% como regulares, 24,1% como ruins e 30,6% como muito ruins.

Entre os que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 39,7% afirmaram que os espaços para esporte e lazer na vizinhança são muito ruins, 21,5% o qualificaram como ruins, 22,4% como razoáveis, 13,9% percebem este serviço como sendo bom e 2,4% o entendem como muito bom. Onde as áreas de esporte e lazer têm os piores percentuais, ali aumenta a sensação de insegurança.



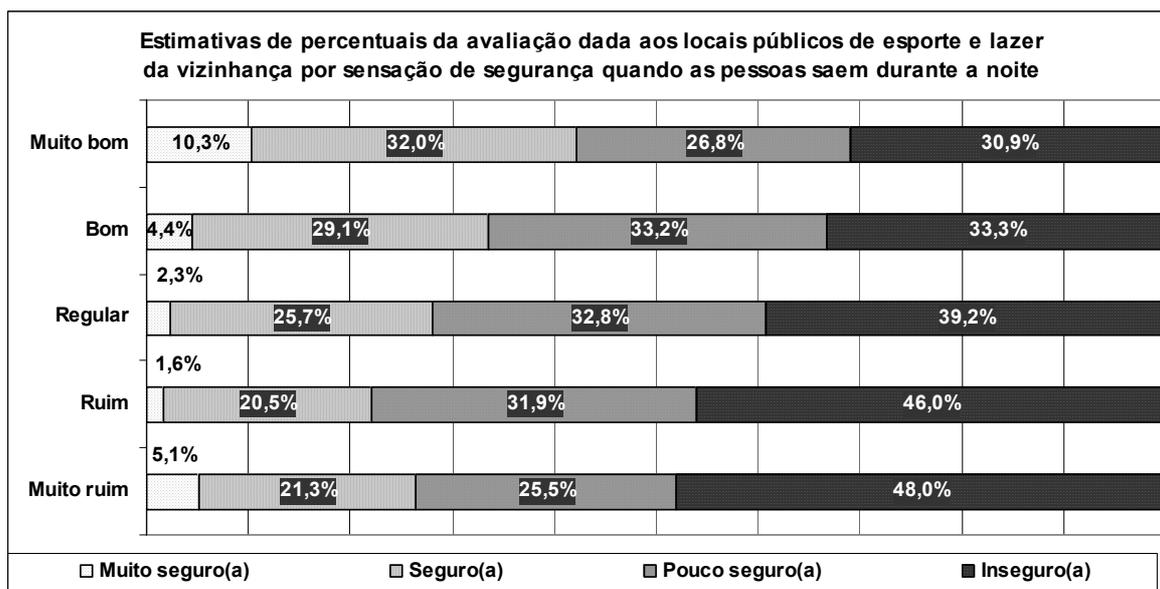
Assim como os equipamentos coletivos, os locais de esporte e lazer no bairro são essenciais para a sensação de segurança na vizinhança. Os moradores que se sentem muito seguros ao sair de casa de dia e avaliaram os locais de esporte e lazer como muito bons se sentem mais seguros 19,6% do que os que avaliam como muito ruim 7,9%.

Os locais públicos de esporte e lazer na vizinhança são importantes para a sensação de segurança de quem sair de casa à noite.

Podemos observar pelo gráfico acima, um decréscimo de moradores que se sentem muito seguros, avaliando os locais como muito bom 10,3%, bom 4,4%, regular 2,3% e ruim 1,6%. Acontece também em relação aos moradores que se sentem

seguros o mesmo processo: avaliando os locais como muito bom 32%, bom 29,1%, regular 25,7% e ruim 20,6% (20,5%). Isto significa que, à medida que os moradores avaliam bem os locais de esporte e lazer, eles se sentem mais seguros em sair à noite.

Interessante é observar, que, em contrapartida, quanto pior avaliados são os locais públicos de esporte e lazer, o número de pessoas que se sentem pouco seguras e inseguras em sair à noite, aumenta gradativamente.



Das pessoas que avaliam os locais públicos de lazer como muito bons, 26,8% se sentem pouco seguras e 30,9% se sentem inseguras. Das pessoas que avaliam os locais públicos de esporte e lazer como bons, 33,2% se sentem pouco seguras e 33,3% se sentem inseguras. Das pessoas que avaliam os locais públicos de esporte e lazer como regulares, 32,8% se sentem pouco seguras e 39,2% se sentem inseguras. Das pessoas que avaliam os locais públicos de esporte e lazer como ruins, 31,9% se sentem pouco seguras e 46% se sentem inseguras.

A maior sensação de insegurança está entre moradores que avaliam os locais públicos de lazer como muito ruins: 48% dos moradores se sentem inseguros.

2.9 Barulho de tiros

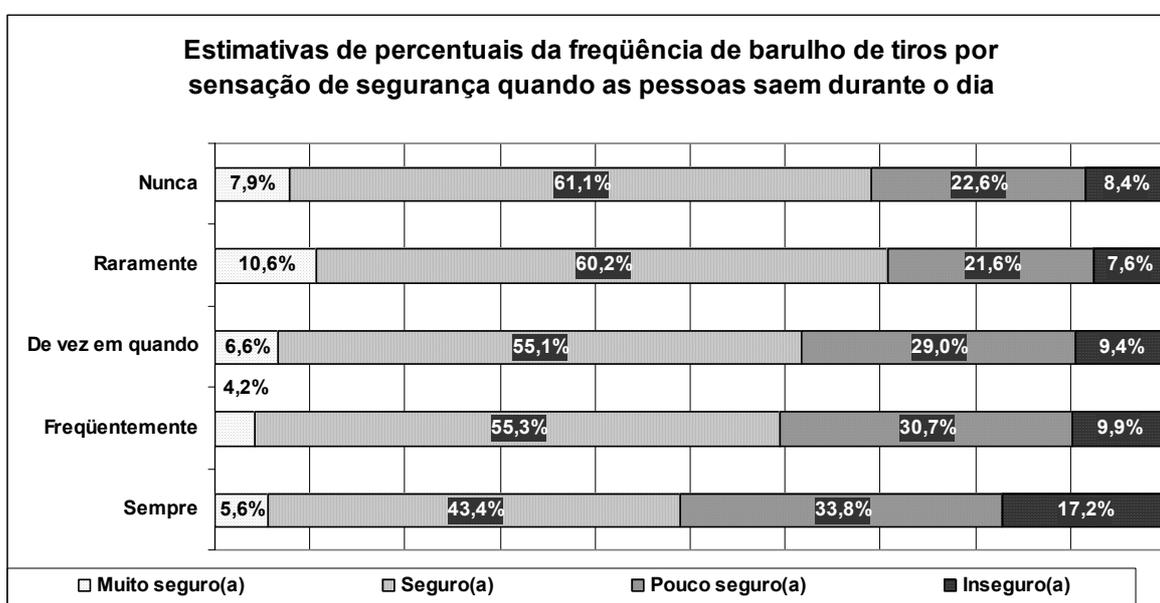
Há uma forte correlação entre a sensação de segurança e ouvir barulho de tiros na cidade. Aqueles que mais ouvem barulho de tiros na vizinhança onde vivem são os que mais se sentem inseguros na vizinhança, para sair de casa de dia e para sair de casa sozinhos à noite.

Dos residentes que se sentem mais seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 20,4% disseram que nunca ouvem barulho de tiros na vizinhança, 21,4% disseram que ouvem de vez em quando e 28,4% dizem que sempre ouvem.

Entre aqueles que se sentem tão seguros na vizinhança quanto em outras áreas do bairro, 30,5% disseram que sempre ouvem barulhos de tiros na vizinhança, de vez em quando foi a opção de 23,9% e 18,6% disseram que nunca ouviram barulho de tiros.

Entre aqueles que se sentem menos seguros na vizinhança do que em outras áreas do bairro, 51,5% disseram que sempre ouvem barulhos de tiros na vizinhança, enquanto 21,1% ouvem de vez em quando e 9,6% afirmaram que nunca ouvem barulhos de tiros nas vizinhanças. Sempre ouvir barulho de tiros implica em se sentir menos seguro, é o que revelam os dados anteriormente apontados.

Para os que sempre escutam tiros, 5,6% se sentem muito seguros ao sair de casa de dia, 43,4% seguros, 33,8% pouco seguros e 17,2% inseguros, enquanto para os que escutam tiros freqüentemente, 4,2% se sentem muito seguros, 55,3% seguros, 30,7% pouco seguros e 9,9% inseguros. Para os que escutam tiros de vez em quando: 6,6% se sentem muito seguros, 55,1% seguros, 29,0% pouco seguros e 9,4% inseguros. Raramente: 10,6% se sentem muito seguros, 60,2% seguros, 21,6% pouco seguros e 7,6% inseguros. Nunca: 7,9% se sentem muito seguros, 61,1% seguros, 22,6% pouco seguros e 8,4% inseguros.

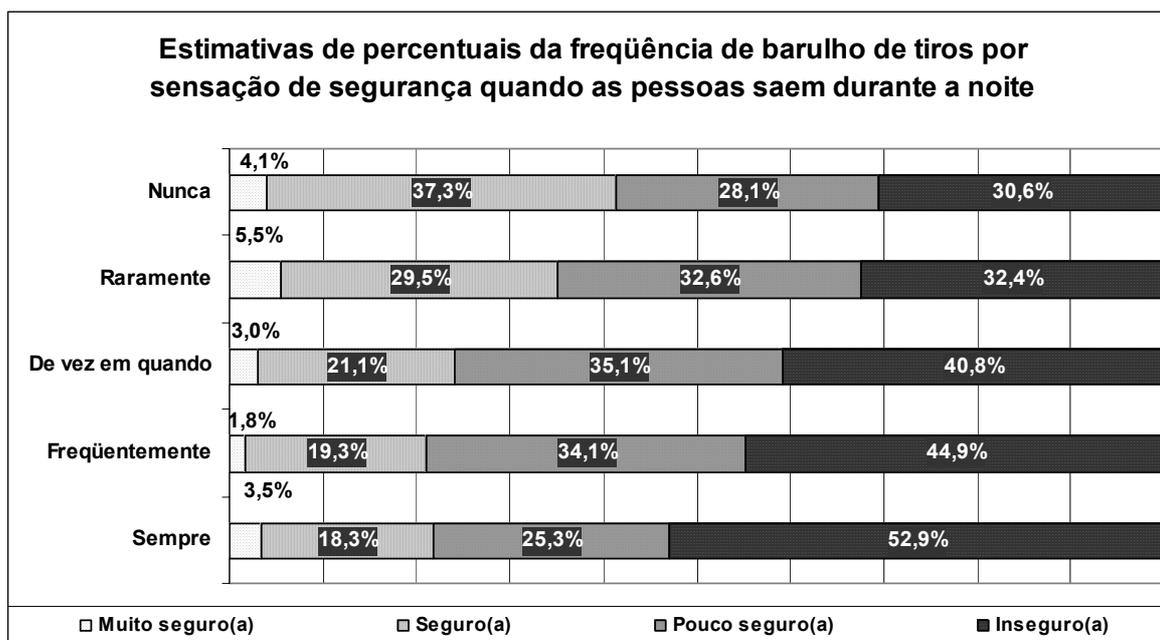


Entre os que sempre ouvem barulho de tiros na vizinhança, 52,9% se sentem inseguros ao sair de casa à noite e 3,5% se sentem muito seguros.

Entre os freqüentemente na vizinhança, 44,9% se sentem inseguros quando saem de casa à noite e 1,8% se sentem muito seguros.

Entre os que ouvem barulho de tiros na vizinhança de vez em quando, 40,8% se sentem inseguros quando saem de casa à noite, 35,1% se sentem pouco seguros, 21,1% se sentem seguros e 3% se sentem muito seguros na mesma condição.

Daqueles que raramente ouvem barulho de tiros na vizinhança, 32,4% se sentem inseguros, 32,6% se sentem pouco seguros, 29,5% se declararam seguros e 5,5% se sentem muito seguros quando saem de casa à noite.



Entre os residentes que nunca ouvem barulho de tiros na vizinhança, 30,6% se sentem inseguros quando saem de casa à noite, 28,1% se declararam pouco seguros, 37,3% se sentem seguros, já 4,1% se sentem muito seguros.

2.10 Posse declarada de armas de fogo:

Apenas 2,5% da população afirma possuir arma de fogo, o que equivale a 116.462 pessoas de 15 anos e mais na cidade. Pessoas de 15 anos e mais com maior escolaridade e brancas são as de percentual mais alto entre as que declaram possuir armas de fogo. Pessoas de renda familiar maior que 7 salários mínimos são as que mais declaram possuir armas de fogo.

Esses números correspondem a todas as pessoas pertencentes ao efetivo das Polícias e das Forças Armadas, incluindo os aposentados, além das outras profissões que têm direito à posse de armas. Isto equivale a dizer que só quem tem esse direito admitiu ter armas em casa depois do Estatuto do Desarmamento. Mesmo assim,

pesquisas anteriores ao desarmamento também registraram proporções muito pequenas (abaixo de 5%) de domicílios com armas nas maiores cidades brasileiras.

Equipe:

Alba Zaluar (coordenadora geral)
Antonio Carlos Ponce de Leon (estatístico/ amostrista)
Mario Francisco Gianni Monteiro (demógrafo médico)
Lygia Costa (especialista em banco de dados)
Maria Lina Leão Teixeira (coordenadora geral do campo)
Ana Paula Ribeiro (coordenadora de campo)
Rodrigo Monteiro (coordenador de campo)
André Limoeiro Roth (especialista em gráficos)

Coordenadores e Fiscalizadores da equipe de campo:

Vera Lucia Carvalho Soares
Sonia Lucia Rodrigues Carvalho
Roberto Carlos Carvalho
Osmar Soares

Outubro/Novembro 2006